O

TRIUMPHO
DA NATUREZA,

Tragedia.

O TRIUMPHO DA NATUREZA,

Tragedia,

ESCRIPTA ORIGINALMENTE EM PORTUGUEZ,

PELO

DOR. V. P. NOLASCO DA CUNHA.

OFFERECIDA

AO Ill^{mo}. E Ex^{mo}. S^{nr}. DOM

DOMINGOS ANTONIO DE SOUZA COUTTINHO,

DO CONSELHO DE S. A. R. O PRINCIPE REGENTE N. S. E.
SEO ENVIADO EXTRAORDINARIO, E MINISTRO
PLENIPOTENCIARIO JUNTO A. S. M. BRITANICA
&c. &c. &c.

LONDRES:

IMPRESSO POR W. LEWIS, PATERNOSTER-ROW.

1809.

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR D. DOMINGOS ANTONIO DE SOUZA COUTTINHO, DO CONSELHO DE S. A. R. O PRINCIPE REGENTE N. S. E SEO ENVIADO EXTRAORDINARIO, E MINISTRO PLENIPOTENCIARIO, JUNTO A S. M. BRITANICA, &c. &c. &c.

Illmo. e Exmo. S̃nr.

As ideas precizas, que V. Exa. possue á cerca da utilidade das artes, e das sciencias; a cultura mesmo que lhes tem prestado, me animaõ a consagrar-lhe este pequeno ensaio das minhas recreaçoens literarias. Com effeito a theoria dos governos, e o conhecimento dos homens tem mostrado a V. Exa. os caminhos, que guiaõ à felicidade das Naçoens, ou à perda dos Estados. Ninguem conhece melhor o absurdo da Politica monstruosa, que pertende regenerar a Especie humana, destruindo-a. He evidente a todo o homem sensato, que o Despotismo no louco orgulho de querer reinar só, e a Ambiçaõ no phrenesi de huma preponderancia sem limites, naõ buscaõ apossar-se dos povos, senaõ para os fazerem victimas da sua voracidade destruidora. Por outra parte as Naçoens, na fraqueza dos seos governos, naõ podendo conservar-se as mesmas, devem necessariamente formar, como os compostos chymicos que se dissolvem, novas, e differentes combinaçoens. O Espirito humano segue a marcha da

natureza inteira. A cultura pode fazer que a civilizaçaõ succeda ao Barbarismo, mas nunca o vigor á Degeneraçaõ. A morte, ou a total dezapariçaõ das formas primitivas he o termo de toda a dezorganizaçaõ. Appello para o que vemos. Que aprezenta a face da Europa senaõ hum prospecto universal de ruinas, e de morte! Parece que o Genio da Devastaçaõ, brotando do fermento de todos os principios corruptores, se tem alastrado sobre o continente, e, attacando com seo sopro invenenado os elementos da vida, quer entregar de novo ás officinas da natureza as pervertidas especies. A humanidade vergando ali ao açoite da Tyrannia, desfalecendo ao pezo dos seos grilhoens, apresenta ja os symptomas dolorosos da humilhaçaõ, e miseria. Oh vergonha para a razaõ humana! Oh tempos de vituperio! Que nos resta pois a esperar? Que deveremos fazer? A nossa sorte parece problematica. Comtudo, quem naõ ve que os resultados do trabalho e da industria, he so o que se pode oppor aos progressos devastadores da espada? Quem naõ conhece apezar de todos os sophismas, que sem sciencias, e artes a sociedade naõ so deixa de prosperar, mas cedo cahe na degradaçaõ. Porque se tarda pois em plantallas, onde podem cultivar-se, e dar fructos? Excitemos a Indolencia, que retarda a Epocha dezejada do melhoramento da especie humana. Mostre-se a verdade tanto aos Povos como aos Soberanos; ella so pode ser funesta a todo o systema vicioso, que tem por baze o erro, reconhecida fonte da calamidade actual. Toda a demora n'applicaçaõ destes principios ao bem da so-

ciedade, desgracea naõ so às presentes, mas athé as futuras geraçoens. Tocámos a crise mais importante, e a mais perigosa do mundo. Cumpre para salvar-nos a coragem a mais activa, e o mais vigilante saber. A vós sobre tudo, pacificos habitantes das regioens extensas do Amazonas, e Prata, a vós sobre tudo me dirijo particularmente. Vós sois o objecto mais caro das nossas meditaçoens, e esperanças. Que vasto campo tendes aberto para futuras grandezas! Naõ frustreis a espectaçaõ geral. Acolhei no vosso seio as sciencias quasi foragidas da Europa; estendei hum braço animador ao desvalido Artista, ao Trabalhador defraudado. Abrigai á sombra da Beneficencia as diversas familias que quizerem unir-se com vosco, para cooperar com os vossos sublimes esforços. Respeitai sobre tudo a Prole augusta, que fez a grandeza da Monarquia Luzitana, que pôde so restauralla, e dar-lhe novo, e mais bello lustre.

As Naçoens Europeas, no diluvio actual que as submerge, podem ficar confundidas; mas a Portugueza, que gravou o seo nome nas mais remotas partes do globo com caracteres indeleveis, naõ devia ter o fado universal. Com effeito, segunda vez celebre pelo meio dos mares, que primeira senhoreou vai dar, como ja deo, novo realce aos destinos do homem sobre a terra. Mas o termo naõ esta ainda preenchido. Grandes esforços saõ ainda necessarios. Meos compatriotas, hum objecto importante deve agora attrahir as vossas attençoens. Ou-

vi-me. Se a Monarquia Portugueza está salva, se a Naçaõ está reunida, e aberta outra vez a estrada da sua gloria; qual dos meos concidadaõs trabalhou mais para este importante successo, que o Ministro Portuguez em Londres? Pede o amor da Justiça, que se honre aquelle, que deseja o bem da sua patria: e de que louvor naõ he digno quem empregou por ella todos os seos talentos e fadigas? Permitta pois V. Ex[a]. que eu pre-enchendo os deveres, que a Justiça me impoem, publique altamente ao mundo, e se he possivel á posteridade, os sentimentos de gratidaõ, e estima; de que sou devedor a V. Ex[a]. e deixe hum padraõ erguido em memoria dos seos relevantes serviços feitos em abono de huma Naçaõ Leal, e de hum Soberano Respeitavel cujos interesses V. Ex[a]. tam conspicuamente sustenta.

Tenho a honra de ser com o mais profundo respeito,

De V. Ex[a].

O mais attento venerador,

e humilde creado,

VICENTE PEDRO NOLASCO DA CUNHA.

INTERLOCUTORES.

ATALIBA, *Rei de huma parte do Peru, chamada Quito.*
PALMOR, *Principe de sangue, e pai de Cora.*
CORA, *Virgem do Sol*
AMAZILE, *Sua Confidente.*
LAS-CAZAS, *Dominico Hespanhol, amigo de Alonzo de Molina.*
ALONZO DE MOLINA, *fidalgo Hespanhol, amigo de Ataliba, e amante de Cora.*
PONTIFICE DO SOL.
SEQUITO.
SOLDADOS.

A Scena he na cidade de Quito.

O

TRIUMPHO DA NATUREZA.

ACTO I.

SCENA I.

Vista de Attrio do Templo de Sol, Atalĩba com sequito, e Palmor.

ATALIBÃ.

OH! Numen deste imperio! oh! venerando
Pai de huma illustre, e mizera familia,
Vida, e Luz do Universo, astro brilhante,
Sol, tuas graças sobre nos derrama.
Tu nos dictaste a Lei, sustela deves.
Deste povo que he teo, protege a cáusa.
Longe affasta de nos malignas sombras
Que este santo hemispherio enoitecerão
De victimas assas foi derramado
O sangue em tuas aras! Montezuma
E seos vastos dominios são ja cinzas.
Do Mexico infelix so resta o nome.
D' outro ceo, de outro mundo ao nosso adverso
Sem duvida mandou para extinguir-nos
Hum Deos terrivel seo medonho raio.
Seo clarão fuzilando em nossos climas
Ao seio do Peru ja trouxe os sustos.
Assas nos tem turbado internas lides
E a paz inda talves de nos se allonga.

Eis os fructos, Huascar, d'Ambiçaõ fera,
Que teos crimes brotou, e os meos dezastres.
Barbaro Irmaõ! Que detestando exemplo!
Teo odio combati; vencer-te pude,
Os grilhoens, que me deste ati passaraõ,
Mas quanto me he pezado este triumpho!
Oh Cinzas de Zorai! misero filho!
Das perdas que hei soffrido a mais terrivel,
Eu vos offerto ao Deos, que aclara o mundo.
Sol, que hoje ves meo Lucto; accolhe a offrenda
Da minha acerba dor, benigno acceita
As cinzas de meo filho: ellas te applaquem.
Mas se o sangue vertido inda naõ basta
A teo justo furor, se inda nos pede
O teo tremendo altar mais sacrificios,
Que victimas prostrar deve o meo braço
Prompto declara; á obedecer-te eu corro.
E tu da regia prole unico resto
Que a sorte me deixou. Doce conforto
Dos infortunios meos; Palmor, serena
De minha alma inquieta os sobresaltos.
Temo que á expiaçaõ de nossos crimes
Inda naõ baste de meo filho a morte.
Que resta algum delicto sem castigo
Do Deos que nos persegue as iras mostraõ.

PALMOR.

Oh respectavel Inca, unico apoio
Desta familia, que do Sol descende,
No que a cabas de expor devizo as sombras
De hum lucto assustador, mas naõ me atterro.
Os votos que te arranca hum filho extincto,
O excesso, com que os crimes te horrorizaõ
De tua alma a pureza assas descobrem
E grata aos Ceos tua conducta ostentaõ.

Submisso a nossas leis, e aos nossos Deozes
Vejo demais a mais todo este povo.
Bem sei que o fero Huascar rompendo os laços
Da fraterna uniaõ, conseguir póde
A pureza manchar de nossos climas
Mostrando-lhe do crime o aspecto hidiondo.
Por elle foraõ com naõ visto insulto
Do Deos deste hemispherio as leis quebradas.
Mas a sua infraçaõ vingada creio.
Huascar foi punido, e o povo salvo.
Corrompelo naõ pode o feio exemplo
Da negra rebeldia; infausto agouro
Naõ devo pois tirar dos vaõs temores
Que o nosso fraco coraçaõ combatem.
Se o Ceo pune so crimes satisfeito
Seo rancor estar deve; e se lhe agrada
Sangue innocente o sangue de teo filho
Em suas aras fuma.

ATALIBA.

. . . . Ah! que essa idea
Meos temores desperta; e da verdade
N' hum veo mais tenebroso a luz me esconde.
Mysterios profundar, com que o Ceo fala
He dos fracos mortais vedado á mente.
Confeço-te Palmor, que inda hoje mesmo
O terror penetrou dentro em meo seio.
Quando a pouco no templo presedia
De meo filho ás exequias, no momento
Em que aos Ceos offertava o sacrificio;
Fitei o sanctuario. Eis de repente
Se abrio aos olhos meos, do centro d'elle
Veio este horrido acçento a meos ouvidos.
" Temerario Ataliba enfrea a audacia.
" Naõ insultes o Deos, que aqui se adora,

" Seo altar que naõ soffre hum culto impuro
" Justamente indignado o teo regeita."
Ao pavoroso som desta ameaça
Senti gelar-me o horror, cuidei ver sangue,
Ver fogo sobre as aras; vi perplexo
O Summo sacerdote; as virgens todas
Desmaiadas de susto, e naõ vi Cora.
Era a sua prezença indispensavel
E devia assustar me a falta d' ella.
Porem suspeitas vans naõ me halucinaõ.
Da filha de Palmor temer que posso?
Cora alem de seos dons, e excelsa origem
He das virgens do Sol preclaro exemplo.

PALMOR.

Cora, senhor, que apenas veio ao mundo,
As aras destinei, foi desde o berço
Educada nas maximas severas
Do sacrosanto altar, conhece a força
Da respeitavel Lei, que a santifica.
Sente de seos deveres a importancia,
E do voto, que fez, sabe a grandeza.
Contudo naõ ignoro, que hum momento
De fraqueza, ou descuido illudir pode
A mocidade incauta, e da virtude
O edeficio melhor lançar por terra.
Tem sabia precauçaõ, previsto zelo
Dado ao sacro recinto erguidos muros
Para abrigar o virginal decoro
Dos prigos da illusaõ; porem naõ basta.
Sacrificio mais nobre exige o templo.
Meo zelo se esmerou sempre em servilo
Total renuncia ao mundo, ás glorias d'elle,
Huma guerra perpetua a seos sentidos,
Aos prestigios de amor prevençaõ rude,

Tudo emfim, que combate a natureza
Sempre ã Cora inspirei. Confio nella
Nem posso acreditar—mas apressado
Vejo vir o supremo sacerdote,
Ah pelo assombro, que no gesto indica
Parece vir dezastre annunciar-nos.

SCENA II.

PONTIFICE, *e ditos.*

Nobre filho do Sol, sublime herdeiro
Da gloria dos Heroes, teos ascendentes,
Que á seo exemplo o emperio, as aras serves.
De seo fiel Ministro ouve os avizos
Que hoje te envia o Ceo. Com futeis preces
Dezarmar seo furor debalde intentas
Se o sangue naõ correr, que ouza ultrajalo.
Assim se explica o Deos, que aqui governa.
Seo templo augusto profanado existe.
O sacrilegio alçando a fronte impura
(Oh crime horrendo! oh nunca ouvido insulto)
Entre as Virgens do Sol ousou mostrar-se.
Tremeo de horror o sacrosancto azilo,
E sombras cor do abismo este ar toldando
Do medonho attentado annuncios foraõ.
Ah se dos golpes do imminente estrago
Nos pertendes salvar, se illudir queres
Da colera celeste os ameaços,
Naõ te demores, vem, castiga, fere,
Do Deos, que o raio accende, o raio immita,
Queima, consome o detestavel raça
Do sangue impuro, que os altares mancha.
Seo despojo execravel, torpes cinzas

Dispersas pelo vento a vil memoria
Deste escandalo atroz comsigo levem.
Assim o dicta a lei, que da impureza
O castigo decreta. Ah corre, voa
A expiar a aggressaõ. Vinga os altares.
He da theara, e sceptro a causa a mesma.
E he Deos sem templo o Deos, que naõ castiga.

ATALIBA.

Respeitavel Ministro dos altares
Interpetre do Ceo, tu me aclaraste
As vagas confusoens, que me agitavaõ.
Sim, eu me curvo ás decisoens celestes
Comprehendo agora a serie inexplicavel
Dos prodigios fataes, que obsorto via
Sei dos ceos a vontade; elle quer sangue
Porque jaz insultado em nossas aras.
Rasgou-se o denso veo, que me encobria
A nascente fatal dos meos terrores.
Mas qual das virgens immolar se deve!
Que familia extinguir-se hoje he precizo!
Declara nos, Ministro, a delinquente.
Seja qual quer que for sua ascendencia
Seo crime hade punir se. Ao Sol o juro,
Juro cumprir sua lei. Do atroz suplicio
Naõ a pode livrar nem regio sangue.

PONTIFICE.

Do santo ministerio, que exercito
O sublime dever me chama ao templo.
Corro a dispor o lugubre apparatto
Que o sacrificio pede; e a Divindade
Que hade aceitalo prevenir com preces;
Depois de rematar o exame austero
Do execrando attentado, e seos horrores

Te enviarei o anathema, que aponta
A victima que ao sol deve immolar-se,
Cujas dispersas fumegantes cinzas
Haõ de vingar o Ceo, e a paz traze-nos. [*Vai-se.*

SCENA III.

Os dittos menos o Pontifice.

ATALIBA.

Vai, Palmor, do supremo sacerdote
Os passos acompanha, e da sagrada
Dextra recebe a sanguinosa lista,
Que traz proscripta huma familia inteira.
Sinto que he dura a lei, que assim castiga.
Mas ás vozes do Ceo quem pode oppor-se?
Submeter se he preciso. Aos Ceos apraza,
Que das nossas fatais calamidades
Esta a ulitma seja [*Vai-se.*

SCENE IV.

PALMOR.

Oh Deoses tremo!
Naõ sei que occulto horror me prende os passos
Que naõ posso avançar me. O amor paterno
Fas meo sangue gelar. Piedosos Deoses,
Meos sustos dessipai, defendei Cora.

SCENA V.

ALONZO SÓ.

Ceos! que tumulto o coraçaõ me agita!
Doce illusaõ da mente onde he que existes!
Ah de meo sonho se desfez o encanto!
Ancioso pela ver corro ante as aras
E Cora aos olhos meos, e a luz faltaraõ.
Depois de hum anno de ais, pranto, e suspiros
Era a minha esperança este momento.
Que receios crueis meo peito assaltaõ?
Tudo a tremer por ella me anticipa.
Quero saber sua sorte, e da incerteza
Temo rasgar o veo. De quantos males,
Fera Superstiçaõ tens sido origem!
Tu levantaste essas fataes barreiras;
Nesse retiro eterno afferrolhaste
O objecto encantador dos meos cuidados.
Mas estou decedido. Alonzo, e Cora
Naõ tem mais que hum destino. Entre-se o templo.
Salvar-lhe a vida, ou perecer me resta.

SCENA VI.

O ditto, e Las Casas.

LAS CASAS.

Alonzo, eu to predisse, eis o momento
Que tanto tem custado a meos temores,
Eis o funesto prazo, em que a ruina
Vai deste vasto emperio effeituar-se.
Tu claro deffensor de hum povo docil
Tu dos Indios o amigo, e seo opoio,

Que servir preferiste a humanidade
A' causa d' ambiçaõ; tu naõ ignoras
Quaes thegora tem sido os meos esforços
Para os progressos suspender do crime.
Dos Indios a defeza era o meo pleito.
Mas justiça, e razaõ so saõ chimeras
Em peitos que devora a sede de ouro;
Por seo cruento influxo em breve espaço
Foi degolada huma naçaõ inteira,
Hum vasto emperio redusido a cinzas,
Hum Rei do trono expulso, e dado á morte.
Oh vergonha da Europa! oh patria nossa!
Foi de seo seio, berço de taes crimes
Que nos vimos sahir com santo aspecto
O Genio da cobiça, e tinto em sangue
Sobre as azas da morte os ceos cobrindo,
Qual abutre voraz que a preza aferra
Esfaimado decer sobre estes climas,
Derramar seo veneno, e seos pavores
Des do antartico gelo ás frias Ursas.
Que podia eu fazer? Baldadas queixas,
Hum esforço impotente, hum zelo inutil
Pela causa innocente era o que eu tinha
Para oppor á brutal voracidade
Dos feros vencedores, tu somente
Comigo horrorizado a tantos males
As bandeiras do crime abandonando
Os Indios lastimaste, e os tens servido.
Mas quaes seraõ desde hoje os nossos sustos
Se o destruidor do Mexico prosegue
Nas suas intençoens? Pissarro volta
Munido deve vir de authoridades,
A que a sua ambiçaõ naõ poem limites.
Mais altivo tornando a vez segunda,
Ja vês com que symptomas horrorosos

Annunciar deve na chegada sua
O trovaõ de Madrid ao novo mundo.

ALONZO.

Ah caro amigo, os males que persentes
Como a ti de iguaes sombras me horrorisaõ.
O destino dos Indios me enternece,
Por elles combati; riscos, pavores
Tudo tenho affrontado; e heide por elles
Pela causa do justo expor meos dias.
Taes foraõ sempre os nobres sentimentos
Que inspirar-me soubeste. Tu doido
Dos males que este emperio ameaçavaõ,
Apezar das fadigas, e dos annos
Ao seio do Peru vens procurar-me.
Vens comigo abraçar sua defeza
E a defeza de Alonzo. Sim, amigo,
Mais naõ devo occultar-to. De Ataliba
A cauza he tambem minha; estreitos laços
Nosso mutuo destino enterlaçaraõ.
Ouve os successos meos, e os meos dezastres.
Sabes como Ataliba pertendendo
De seo irmaõ por termo ás dezavenças,
Na minha intervençaõ esperançado
A Huascar me enviou. Com sacrificios
Que fez primeiro ao Sol, desta embaixada
Os auspicios buscou. Cuidando honrar-me
Ao lado seo me aprezentou no templo
Assesti á ceremonia. He necessario
Para os homens servir, servir seos erros.
Longe entaõ de pensar, que a minha perda
Daquella occaziaõ se originasse;
Huma das Virgens, que nas maõs trazia
O paõ sagrado para o sacrificio
Vejo vir para nós. Oh Ceos! Que assombro!

D'entre o veo, d'entre as flores, que a adornavaõ,
Belleza divinal se patentea.
O Extaze occupou logo a minha alma,
E em quanto mudo, e attonito contemplo
Este prodigio, que illuzaõ julgava;
Dos olhos seos sympathica scentelha
Que entaõ meiga vibrou, veio a meos olhos.
Naõ o fogo dos Ceos taõ promptamente
Naõ fere, naõ abraza como a chamma
Que em meo seio lavrou n'esse momento.
Minha alma áquelle encanto entregue toda
N' hum vasto mar de glorias se absorvia.
Findou-se o sacrificio dos altares,
E o meo principiou. Deixando o templo
Mais naõ sube de mim.

LAS CASAS.

Como? E naõ foste
Comprir tua missaõ?

ALONZO.

Perdoa, amigo,
Se enteresses liguei de amor, e gloria.
Fiel ao meo dever fui de Ataliba
O negocio ultimar; serenei tudo.
Porem tornado a Quito, era so Cora,
Este o seo nome; da minha alma emprego.
Sube nascida ser da regia estirpe,
Ser filha de Palmor; do resto ignaro
Naõ conservava mais da minha dita
Que hum vaõ dezejo, e inutil esperança.
Quando huma noite, que ao redor vagava
Desses muros, que encerraõ meo Thezouro,
Começou a tremer mugindo a terra.

Lavaredas de fogo ao Ceo subiaõ.
De subita ruina hum feio estrondo
A roda sinto do sagrado alvergue.
Da pavorosa noite entre os horrores
Objecto do meo susto era so Cora.
Corro a salvala; aberta huma passagem
Acho por entre os arrazados muros.
Trepo montoens de lugubres ruinas.
Vi logo pelo meio do arvoredo
A luz vermelha de Vulcaneos fogos
Aqui, e ali correr palidas virgens
Attonitas de susto, e a poucos passos
A chei nos braços desmaida Cora.
De hum movimento extranho arrebatados
Ambos seguimos de ermo vale a senda.
Pouco tempo depois despio-se a noite
De seos medenhos veos, e os brandos raios
Vinha esparzindo solitaria a Lua.
Cora entaõ de seo susto a si tornada
Ao ver hum homem só quiz retirar-se;
Porem chamada de hum secreto encanto
A meo seio tornou. Sua fraqueza
Precizava hum soccorro, e seo azilo
Meos braços e hum deserto eraõ somente.
Nelles sentia Cora os meos transportes,
Da minha turbaçaõ participava ;
Os nossos coraçoens, que palpitando
Em mutuos sobresaltos se entendiaõ,
Ancias, suspiros, que por nos falavaõ.
De seos labios os meos sorvendo o nectar,
Reciproca effuzaõ d' alma, e sentidos
Olhos viva expressáõ da lingoa muda
O sitio, a solidaõ, misterio, e noite,
Tudo para perder-nos concorria,
Oh extaze de amor! momento eterno!

Contudo qual relampago ligeiro
Passou este momento, e densas trevas
Lançou sobre o futuro. O meo projecto
Era Cora deter, fugir com ella.
Mas depois de rogar-me em pranto envolta
Que naõ sacrificasse huma familia
Para o templo voltou; segui seos passos,
Entrou, naõ a vi mais. Sua sorte ignoro,
E a minha desde entaõ soffrer naõ posso.
No tormento, em que vivo, cre-me amigo,
Ou Cora possuir ou morrer devo.
Nada me resta mais, e o teo soccorro
Minha amizade implora.

LAS CASAS.

Oh caro Alonzo
Joven que amei da tenra flor dos annos,
Quanto folgo por vinculo tam doce
A' cauza da justiça unido ver-te.
Faltava amor somente á tua gloria.
O Ceo auxiliando a nossa empreza
Poz no teo seio a bem fazeja flama,
E ao nosso mutuo esforço entrega o resto.
Cora tu amas? Sim, tua ser deve,
Devem unir-se coraçoens, que se amaõ,
E a lei, que o veda barbara, oppressora
Calca a razaõ, e ultraja a natureza.
Amor o maior bem, que ha sobre a terra;
A melhor das paixoens, que aos homens coube,
Ó mais seguro movel da virtude;
Nunca pode ser crime; a cega crença
Que essa mancha lhe poz, grosseiro absurdo
Foi da superstiçaõ, que em seos delirios
As leis da natureza prevertendo,
Do mais puro prazer secando as fontes,

De ventura incapaz, chamou virtude
A esteril izençaõ, e ergueo-lhe altares.
Ceos! que infausta illuzaõ! Porque prestigio
Pôde sobre a verdade alçar-se o erro!
Eis aqui Cora mizera arrastando
Dezabridos grilhoens, gemendo escrava
N' hum jugo involuntario, que insofrivel
A virtude lhe torna, que a rebela
Contra as leis, contra si, contra o Ceo mesmo.
Direitos, que saõ seos, recobrar deve,
Obra do fanatismo aprizaõ sua
He justo dezatar. Porem que intentas?
Queres tu no momento, em que he precizo
Todo o zelo empregar, o esforço todo
Por salvar este emperio, abandonar-te
Aos cuidados de amor? E com que mancha
Hiria Alonzo aos seculos vindouros,
Se o grande chefe da mais nobre empreza
Cegamente illudido á seos prazeres
Sacrificasse o bem de hum povo enteiro?
Inda quando sem risco aos interesses
Desta exposta naçaõ fosse possivel
Tirar Cora do azilo, em que se encerra,
Nunca uzar de violencia util seria.
De hum povo, que se educa, e regenera
A crença desprezar nunca aproveita.
Crimes de opiniaõ naõ muda a força,
So longa experiencia he que os dissipa.

ALONZO.

Naõ querido Las Casas, naõ prezumas
Que hum delirio de amor faça esquecer-me
Da gloria, que hei ganhado expondo a vida
Por salvar este povo, nem que eu busque

So para contentar meo peito amante
Sua crença insultar roubando Cora.
De perfidia esse exemplo aviltaria
Todos os meos esforços, e eu naõ lucto
Para Fazer-me vil. Dessa ignominia
Hade escapar Alonzo. Outras ideas
Na minha alma revolvo ; eu so pertendo
Persuadir este povo a que revogue
A lei austera que agrilhoa Cora.
Quero entaõ livremente hir desposala.
Eu sei quanto he difficil aos humanos
Nos erros de piedade o desabuzo ;
Porem naõ dezespero, os meos trabalhos
Meo ardor por servilo, e defendelo,
Tudo emfim quanto eu fiz, tudo o que eu pude
Vou ostentar aos olhos deste povo
Pertendo illuminalo, heide movelo
Ou morrer a seos olhos. Naõ, naõ soffro
Que em perpetuos grilhoens Cora lastime
Dias, que á paz, e á amor sagrar devera.
Cora livre nasceo, quero tornala
Aos direitos que herdou da natureza.
Naõ he menos serviço a qualquer povo
Os erros destruir, que os inimigos.

LAS CASAS.

Alonzo, com prazer teos sentimentos
Comformes vejo em tudo á sam justiça.
Mas moderando hum pouco os teos transportes
Pondera bem na empreza a que te arrojas.
He facil conduzir de hum povo a sorte
A quem o influxo tem da authoridade.
He facil dar-lhe as leis, e os ferros dar-lhe,
Fazelo sopportar sem que murmure

O pezo dos grilhoens, do açoite os golpes.
Ser dos bens, ser das honras despojado
Pode o homem sofrer; mas se lhe attacaõ
Os vaõs prestigios de huma crença futil;
Eis revolto, e phrenetico delira,
E sem que freio algum contelo possa
Qual tygre embravecido entaõ raivando
O vemos ensopar-se em sangue humano,
E á mizade rebelde, e á natureza
Soltar do fanatismo as furias todas.
Tal dos tristes mortaes o ser se ostenta!
Bem sei que hum povo humano hum povo docil
Que das cultas naçoens ignora os crimes,
Mais facil se convence. He necessario
Contudo d'ante maõ sondar seos chefes.
Cumpre ouvir de Ataliba os sentimentos.
Eu vou falar ao Rei, quero dispolo
Para ver se á razaõ presta os ouvidos.
Tu parte entanto a prevenir os votos
E o espirito do povo; hum so momento
Naõ deve este negocio retardar-se. [*Vai-se.*

SCENA VII.

ALONZO SO.

Vai amigo fiel, tuas virtudes
De Ataliba o soccorro haõ de attrahir-nos.
Teo saber persuadilo hade sem custo.
Ataliba conheço; extrememente
He credulo, e devoto. Todavia
Hum coraçaõ tem grato, ama a verdade;
Este o caracter, que mais honra os homens:
Venturosos os Reis, que ouvila prezaõ.

Mas inda mais ditoso eu me contemplo
Tendo de amigo tal o apoio, os votos.
Deste povo eu possuo a confiança;
Seos suffragios terei. Que mais me resta?
Eis me proximo ao fim, porque me anceio.
Cora, oh supremo encanto da minha alma!
Tu fazes dupplicar-se a minha gloria.
Thegora combati por tua patria
Sem outro zelo mais, que o da justiça.
Agora amor divide este triumpho:
Por ti, em seo abono elle pertende
Hoje ao mundo mostrar, que o mesmo braço
Que os emperios creou, salvalos pode.

FIM. DO ACTO I.

ACTO II.

SCENA I.

Vista interior do Templo.

CORA, E AMAZILE.

Cora apparece n'um estado de perturbaçaõ.

AMAZILE.

Senhora, que afflicçaõ te dezalenta.
Donde nasce esse lucto, em que te abismas?
Quando a tua prezença ante os altares
Pedia do holocausto a sacra pompa,
Occulta gemes? e este mudo azilo
Com suspiros, e ais de horror assombras?
Que extranha agitaçaõ teo seio abala.

CORA.

Oh Ceo!—cara Amazile,—eu desfaleço—
Foge-me a luz—as forças me abandonaõ—
Sinto em meo coraçaõ gelar-se o sangue.
Eu morro— [*Senta-se.*

AMAZILE.

Oh Ceos? Que estado deploravel!
Senhora, que dezastres pavorosos
Teo mal horrendo motivar poderaõ?
Saber deve Amazile este segredo.
Tua socia fiel teos sentimentos
Mais de huma vez ousaste confiar-me,
Fala.

CORA.

. . . . Ai triste! oh destino enexoravel!
Inflexivel tormento! Que ignominia,
Vai ás sombras do tumulo seguir-me!
De quanto horror coberto, e quanto lucto
Seo vasto seio aos olhos meos se ostenta! [*levanta-se*
Oh tu que ves meo pranto, e meos temores,
Luz do universo, pay da natureza
Sol, de quem dizem, que descende a prole
Dos preclaros varoens, meos ascendentes,
Se condemnas meo ser, se hoje te agrada
Meos dias extinguir, para que estendes
A huma familia inteira os teos furores?
Se criminosa eu só teo Nume offendo,
Porque a innocencia barbaro castigas?

AMAZILE.

Que dizes? E que crimes te revoltaõ
Contra o Deos bemfeitor, que aqui servimos?

CORA.

Naõ, Amazile, o Ceo, cujos decretos
Submissa adoro; e a cujas leis me curvo,
Naõ olho como author dos meos desastres,
Nem rebelde accuzalo me atrevera.
De outra nascente meos pezares correm.
Hum inimigo indomito, e suberbo
A quem ja d'annos faço inutil guerra,
Hum verdugo inflexivel, que os meos dias
Cobre de esteril pranto, e de amargura,
Hum Tyrano incançavel, que tranquilla
Respirar me naõ deixa hum so momento,
Fas de meo mal acerbo a cauza toda.

Tenho, Amazile, hum coraçaõ sensivel;
Deo-me esse dom funesto a natureza;
Eis de meo mal a fonte; eis meo tyrano.
Surda constantemente a seos clamores,
Das suas invasoens triumphei sempre,
E a thé do seo poder zombava affoita;
Mas naõ pude escapar de seos prestigios,
Que conhecer naõ sube: halucinei-me;
Julguei-o em paz; fiz tregua a meos combates.
Ouvi-o hum so momento; e fui perdida.
Nesse fatal angelico momento
Foi que amor seo veneno, e seos encantos
Dentro em meo coraçaõ lançou de hum golpe.
Este o meo crime, e os meos desastres todos.
Victima sou de amor, por elle sinto
Urdir-se a minha morte; o Ceo me pune
Por ter do coraçaõ seguido as vozes,
Onde elle faz sentir-se, onde elle fala.
Naõ quiz, que eu pertencesse á natureza,
Naõ pude sustentar tam duro encargo.
Secumbi, foi de amor todo o triumpho,
E as chamas expiar meo crime devem.
Deve nellas oh ceos! de horror me gelo,
Tudo o que he sangue meo cinzas tornar-se,
Que assim se pune o amor junto das aras.

AMAZILE.

Deoses! nas veas se me gela o sangue!
Oh desastre fatal! misera sorte!
E como fez teo crime, como pôde
Penetrando as barreiras invenciveis
Desta austera prizaõ, que nos abriga
De seos males crueis, o amor perder-te?

CORA.

Destes males a historia inteiramente
Extranha te naõ he ; conheces parte,
Mas d'ella ignoras, Amazile, o resto.
Tu forjar viste os meos grilhoens pezados,
Viste a fonte brotar dos meos desgostos.
Des do dia fatal, dia tremendo,
Em que arrastada victima aos altares
Fui jurar no fervor dos tenros annos
Total renuncia á natureza inteira,
De amor aos laços odio inextinguivel,
E esteril enterrar-me, adversa ao mundo
Desta prizaõ eterna entre os horrores ;
Tu viste o meo pezar ; tu viste como
Nesse horrivel momento a fria boca
Proferia tremendo o voto austero
Do debil coraçaõ tirado á força.
Mas cumpria humilhar-me á vos paterna.
O juramento fiz ; e elle foi crido,
Sem attender-se ao grito de meo seio
Que nesse mesmo instante o reclamava.
Sincero se julgou, e eu confirmei-o,
Quiz persuadir-mo eu mesma ; e naõ poderaõ
Nem delicias de hum Ceo, que me traçaraõ,
Nem do Sanctuario as magestosas sombras,
Soffocar-me esta voz ; sempre mais forte
Falava d'entro em mim, se a repremia.
Defficil me era crer, que hum Deos quizesse
De hum fraco coraçaõ tam rude esforço.
Confeço-te Amazile, que mais ermo
Mais triste, mais esteril, que este azilo,
Onde a exissencia pasma em lucto envolta,
Se tornava meo seio ; e dentro d'elle

Via todo o universo aniquilar-se.
Eu sentia morrer-me ; e a luz de todo
Me extinguira o pezar, se a mais tormentos
Me naõ guardasse dezabrida sorte.
Ceos ! que assalto cruel ! como terriveis
Ao ver Alonzo os meos grilhoens pezaraõ !
Desfaleci ; naõ pude mais soffrelos.
Minha alma entanto em sua vista absorta
Vencendo o abismo, que entre nos se oppunha,
A'luz dos olhos seos foi penetrada
De hum raio de esperança. Hum Numen logo
Cuidei ver nelle, vindo a nossos climas
Para salvar este cadente emperio,
Dezatar meos grilhoens, e á luz tornar-me.
Deste grato transporte entre as delicias
Com pranto inutil, com perdidos votos
Mais hum Ceo, que era surdo eu naõ cançava ;
Era somente Alonzo o Deos, que eu vinha
Implorar ante as aras ; e os meos olhos
Tinhaõ para seo culto a imagem sua,
Do dia os illusoens, da noite os sonhos
Tudo traçava Alonzo a meos sentidos.
Seo phantasma adorando eu naõ cessava
A todo o instante de invocar seo Numen
Thé que huma vez propicia a meos clamores
Por hum desses prodigios espantosos
Com que abala seo seio a natureza
Demolio estes muros ; e entre estrondos
Entre ruinas, sustos, e gemidos
N'huma noite de espanto, e de terrores
Me deo aos braços do querido amante.

AMAZILE.

Ceos! Que escuto! que horror! E em tal mo-
Que inda agora recordo espavorida, [mento,
Na horrivel convulsaõ da natureza
Ante as iras de hum ceo, que em fogo ardia
Pode hum cego delirio arrastar Cora
Sem susto, sem remorso as maõs do crime?

CORA.

Fui fraca; abandonei-me inteiramente
Ao terror, que turbava os meos sentidos.
Eu vi sem saber como a meos joelhos
O meo libertador, e o meo amante
Chamar-me á vida, ámor, dar-me os soccorros
Que o meo estado mizero pedia.
Por elle pelo amor deixei guiar-me,
Incerta de salvar-me, ou de perder-me.
O Ceo para illudir-me os seos terrores
Hia meigo adoçando, e me surria.
Fachos de amor seos fogos se tornaraõ.
Sim, querida Amazile, a par de Alonzo
Vi risonha tornar-se a natureza.
Gloria de amor, encanto inexpremivel!
Ay! como acerbos recolhi seos fructos!
Noite de extaze e horror, que inda me segues
De quantas turbaçoens tem sido a cauza!
Por teo funesto influxo inda estremeço.
Gostando apenas o amoroso encanto,
A estas sombras outra vez tornada,
Toda entregue á illusaõ desse momento,
Extaziada em agradaveis sonhos,
Ignorava, Amazile, o meo estado.
The que hum prazer secreto amargamente

Me disse que era may, foi facil crela.
Aprovou meo delicto a natureza.
Meos sustos, meos continuos sobresaltos
Naõ poderaõ fustralo. Oh Ceos! no centro
Deste sacro recinto o doce fructo
Desse funesto amor, que ao seio alento
Guardo cheia de susto, e com cautella.
Precizo recatar-me ás outras virgens
Fugir athé das aras, que servimos,
Por naõ ser descoberta ; os meos disvellos
Tem thegora evitado huma surpreza.
Mas como escaparei das diligencias,
Desse Ministro austero, e vigilante
Que ja talvez suspeite os meos desastres.
Ay de mim ! meo temor basta a trahir-me.
E o mais leve rumor me sobresalta.

AMAZILE.

Senhora, para aqui voltando os passos
Vejo o sacro Pontifice. He precizo
Tua perturbaçaõ naõ descubrir-lhe.
Talvez venha sondar teos sentimentos,
Convem dissimular.

CORA.

Oh Deoses tremo.

Pontifice, e as ditas.

PONTIFICE.

Os supremos decretos, que annuncia
Por mim a voz do Eterno, e que executo ;
Venho, Cora, intimar-se. Em mim contempla

O vingador do altar, que inexoravel
Faz cumprir suas leis, e as interpreta.
Ouve pois seo oraculo terrivel,
Que illudir jamais póde astucia, ou força.
Da verdade o trovaő, que o crime assusta,
Lança por terra a mascara do engano.
Quem pode resistir-lhe? Entra em ti, Cora,
Conhece-te a ti mesma, e de horror treme.
Victima hedionda d'aversaő celeste,
Escandalo do altar, como pensaste
Do Ceo, que via tua horrenda infamia
Escapar ao furor? Como sem pejo
Das aras provocando a santidade
Enganar presumiste os seos ministros?
Sim, perfida, teo crime he manifesto,
Horrorosos signaes o tem marcado.
Nada póde salvar-te á morte horrenda,
Que te vai devorar, e em mudas cinzas
Tornar todo o teo sangue em desafronta
Do altar, do Deos, que o teo delicto ultraja.

CORA.

Deos! Amazile, eu morro. *{Cahe nos braços de Amazile.}*

AMAZILE.

Oh sorte infausta!
Que barbaro rigor!

PONTIFICE.

Sim, neste dia
Quero dar de rigor medonho exemplo.
Dos Ceos á indignaçaő se deve a preza,
E naő basta o remorso a seo castigo.
A expiar seo delicto he pouco a morte.
A tortura somente ameiga as aras.

Amazile, eu ta entrego: em quanto parto
A fazer atear-se as lavaredas,
Que a victima, e seos cumplices nefandos,
Em horrido supplicio, abrazar devem. [*Vai-se.*

SCENA III.

As ditas menos o Pontifice.

CORA.

[*tornando a si*

Ai de mim! Que escutei! Que horror lançáraõ
D'entro em meo seio aquellas duras vozes!
Minha condemnaçaõ, ministro austero,
Troou dos labios teos; e os meos temores
Veio em fim confirmar teo fero annuncio.
Meo crime he manifesto; ah! talvez seja
Do mundo inteiro com vergonha ouvido.
Sou das virgens do Sol desdouro eterno!
Odio dos Ceos, escandalo das aras
Me tornou meo delicto; e bem depressa
Heide arrastar ás devorantes chamas
Minha existencia triste, e a minha affronta!
Oh barbaro destino! Eis a piedade,
Que nas aras encontro. A' infamia, á morte
Seo azilo me expoem. Pai desabrido,
A que terrivel prova submetteste
Minha inexperta, timida fraqueza?
Em que abismo lançaste a tua filha?
Porque horrivel ternura me arrancaste
Dos braços maternaes, onde hum refugio
Teria contra amor, e os seos desastres?
Eis cumprido teo barbaro preceito.
Victima d'elle sou. Que mais pertendes?

Naõ basta ainda a teo rigor severo
De tua filha a morte? Oh dor acerba!
Misero pai, perdoa, eu me confundo.
Eu so fui ré; e tu perecer deves.
Ceos! porque crimes odiosa morro!
Desgraçado Palmor, quam desabrida
Pune o teo sangue a colera celeste!

AMAZILE.

Senhora hum pouco a tua dor modera.
Tua sorte he sem duvida terrivel.
Tremendo, como tu, da boca austera
Ouvi desse Ministro enexoravel,
A sentença cruel, que te condemna.
Mas que aproveita infructuoso pranto,
Quando reparo subito he precizo?
Careceo de hum prodigio a tua perda,
Outro póde salvar-te. Alonzo pode
Arrancar-te ao furor do teo destino.
Seo inclyto valor tem sido esteio
Deste cadente imperio; e á nossos lares
Tem segurado a paz, porque motivo
Negará só remedio a teos desastres?
Senhora, este conselho aproveitemos,
De Alonzo se procure huma entrevista,
Neste mesmo lugar, lembrar-lhe deves
Que elle, que o seo amor somente origem
De tua morte saõ.

CORA.

Tua amizade,
Estremosa Amazile, te halucina.
Sim, persuadida estou do amor de Alonzo.
Seo nobre coraçaõ naõ me enganava,

Quando junto do meo tremia ancioso.
Huma vez, e essa vez bastou somente,
Para que as nossas almas se entendessem,
Seos verdadeiros, puros sentimentos
Pude testemunhar, e agora mesmo
Creio, que o seo esforço util me fôra,
Se huma lei desabrida, e inexoravel
Naõ decretasse a minha infausta morte.
Do ceo, que tem traçado o meo destino,
Nenhum poder as decisoens revoga.
Que esperança me resta? Ah menos rude
Me seria o morrer, se ver podesse
Aquelle, por quem morro; a vista sua
Da feia morte o horror me adoçaria.
Mas que digo! Insensata! Ao ver Alonzo
Quem podia deixar sem custo a vida?
Ah! Se hum eterno adeos cumpre só dar-lhe
De meos olhos primeiro a luz se extinga.
Naõ, naõ tenho valor para tal golpe
Fora menos morrer, que o separar-nos.

AMAZILE.

Pois bem, Senhora, á tua perda corre.
Tudo quanto te he caro em fim pereça.
Porem naõ creas, naõ, que á perda tua
Sobreviva Amazile; acompanhar-te
Hirei subitamente entre os extinctos.
De Cora agonizante a triste imagem
Minha alma naõ supporta. Ah de horror tremo!
Somente de pensar, que as mesmas chamas,
Que te vaõ devorar, consumir devem
O sagrado penhor do amor mais puro
Teo innocente filho.

CORA.

Ah! que diceste?
Que? meo filho morrer comigo deve?
E hade ao seio materno o triste unido,
Em vez do seo alento achar a morte?
Ceos! E que crimes cometteo meo filho?
Objecto só de pranto, e de piedade
Porque se pune a misera innocencia?
Ah! se a vossa piedade assim procede,
Se vós dais o castigo antes do crime
Vossa cruel piedade, injustos Deoses,
Do furor, da inclemencia em que differe?
Mas eu morro meo filho, e a minha morte
Naõ te pode salvar, nestas entranhas
Teo ser, tua extincçaõ principio houvéraõ.
Sou das mães a mais triste, e a mais culpada.
Deoses, que me punîs, severos Deozes!
Porque fatal contradicçaõ me desteis
Ser may, sem ser esposa? O meo delicto,
Que somente he dar vida, he tambem vosso.
Reclamai pois o vosso dom funesto,
Se esta vida quereis; mas a do filho?
Ah! naõ; da mãy pagar naõ deve os erros.
Rebelde naõ quebrou vossos preceitos.
Naõ, naõ hade morrer. Sua innocencia
O Ceo abençoou, e o Ceo protege.
Eu ja corro a imploralo. Se dos entes
He pai universal, porque tyrano
Hade ser so comigo? A luz dos astros
Porque so sobre a terra hade eclypsar-se?
Ah, naõ creio que hum Deos se contradiga.
Amazile, o tormento me offuscava
O lume da razaõ, ja me resigno.
A's aras vou prostrar-me, onde orar devo.

Ali esperarei tranquilla, e docil
O que o Ceo decidir sobre os meos dias.

AMAZILE.

Senhora, vem o Rey. D'estes lugares
Affastadas hum pouco, invocaremos
O soccorro dos Ceos, ja que os humanos
No conflicto maior nos abandonaõ. [*Retiraõ-se.*

SCENA IV.

ATALIBA.

Que escutei? Que improviso ardente raio
Meo seio penetrou? Supremos Deozes!
Quem o crêra? Que horror! Que atroz delicto!
E foi Cora capaz de hum tal excesso?
Cora que traz nas veas inda o sangue
Dos Reis nossos avós! Cora a mais bella
D'entre as virgens do Sol! Verificado
Vejo agora esse Oraculo terrivel,
Que á pouco me falou, que encheo de assombro
Neste mesmo lugar meo seio afflicto.
Ceos! Que vos resta mais! Todo o meo sangue
Quereis ver derramado! Eu principio
Na mais cara porçaõ, que me deixasteis
A vertelo; a ferida, que em meo seio
Zorai deixou aberta, inda goteja.
Cora, Palmor, que sacrificio acerbo,
Que doloroso golpe hade á minha alma
Vossa perda custar! Triste Ataliba!
Preeminencia fatal, funesto emprego!
Executor das leis, que o Ceo dictára
Naõ as posso infringir; Sangue, amizade,
Perante hum tal dever, tudo immudece.

Mas que vejo ? He Palmor. Mizero velho !
Para qui vem seos passos arrastando.
Condoo-me dos males, que o consternaõ.

SCENA V.

O dito Palmor.

PALMOR.

O' Inca deste emperio, ó Soberano
Chefe desta naçaõ ; meo Rei, e amigo
Se inda me he permetido assim chamar-te.
O mizero Palmor, que a desventura
Provado tem c' os mais crueis revezes,
Que encadeada á serie das ruinas
De imperios, de naçoens, que extinguir vira,
D'alongos annos a existencia arrasta.
Depois de ter vencido a adversidade,
Calcado sustos, desprezado a morte,
Hoje a vida odiando âs plantas tuas
Cheio de confuzaõ, de opprobrio cheio,
Huma victima traz, sobre quem descem
As maldiçoens do Ceo, e os seos castigos.
Eis aqui tens, Senhor, o triste objecto [*ajoelha*
Da tua justa colera, este sangue,
Que se gela em meo seio, occultamente
Fermentando do abismo a peste immunda,
Tem semeado o horror sobre estes climas.
Cora, oh vergonha ! oh dor ! Eu desalento—
De eterno opprobrio, e de irrisaõ cobrindo
Os meos ultimos dias, inhumana
Me arrasta indignamente á sepultura.
Eis a devida, justa recompensa
Do zelo fervoroso, e dos cuidados,
Que me deveo sua sorte. Iniqua filha !

Deploravel pai! Senhor, apressa
Apressa, eu to supplico, o meo destino
Accelera o meo termo. Huma existencia
Que a golpes tam crueis fere a ignominia,
Me faz suave todo o horror da morte.
Da luz, que ver naõ devo, a claridade
So me serve de assombro. A natureza,
Que indignada me expulsa de seo seio,
De horrivel solidaõ no lucto envolve
Meos derradeiros, lugubres instantes,
E de espectros povôa o meo sepulchro.
Tam dura sorte, tam terriveis males
Abatem todo o esforço. Ah tem piedade
De meo cansado ser, destroe-me os dias
Que mais de teo serviço ser naõ podem.
Esse amigo, esse heroe, que audaz, que affoito,
Aos combates voou sempre a teo lado,
Que palmas conseguio, ganhou triumphos
Ja naõ vez em Palmor; proscripto, infame,
Na frente paternal trazendo impresso
O punidor anathema, o refugo,
E o desprezo hoje sou, do mundo inteiro.
Tu mesmo sangue meo, sangue, que insulto,
Me deves o suplicio, ah naõ demores
Este fim, que me espera, e que appeteço.

ATALIBA.

Levanta-te infeliz. Misero objecto
De piedade, e de horror. Que acerbos golpes
Teos males sobre mim naõ descarrégaõ!
Porque lado tam caro, e tam sensivel
Hoje para provar-me o Ceo me fere!
Ve Palmor, em que horriveis desventuras
Huma imprudencia ás vezes nos despenha.

Cora ousou violar do santo azilo
A respeitavei lei, seo jugo austero
Talvez pezado sustentar naõ pôde.
Quanto fora melhor naõ submettela
A prova tam cruel. Dos verdes annos
Confiar tam penoso, e duro encargo
He cahir no despenho, em que te abismas.
Eis aqui sem remedio as consequencias,
Cora huma lei quebrou, lei, que naõ muda,
Lei, que lhe ordena a morte. Morrer deve,
E com ella acabar seo sangue todo.
De outra sorte seria ajuntar crimes
A crimes, e suplicios a suplicios.
Para evitalos pois, Palmor, te apromрta.
A salvaçaõ do imperio he quem to exige :
Vai tranquillo morrer. Tua coragem
Sirva a Cora de exemplo. A dar-lhe corre
O extremo adeos ; o teo valor lhe inspira;
E da vossa firmeza ao nobre exemplo
Ataliba sensivel, Ataliba
Mais punido que vós por naõ seguir-vos,
Entregue á solidaõ da natureza,
Ao passo que vos perde, hade envejar-vos;
E ao saber que acabaes tam dignamente
De lembrar-se de vós naõ terá pejo. [*Vai-se*

SCENA VI. e ultima.

PALMOR SÓ.

Oh Ceos ! Que humilhaçaõ ! Barbara sorte,
A que funesto tranze a deventura
Reduzido me tem ? E hirei eu mesmo
Ouvir da boca de huma indigna filha

De seo negro attentado a infame historia ?
E por auge de insulto, e de ignominia
Tranquillo soffrerei, que o seo aspecto
Cubra de pejo o paternal semblante ?
Ah ! que á idea de tanto abatimento
De horror minhas entranhas se revoltaõ.
Natureza, suspende as tuas vozes
Dentro em meo coraçaõ. Naõ-mais me fales
A favor da preversa.—Odio, vingança,
Despeito, indignaçaõ surgi do abismo,
Trazei-me as maldiçoens, trazei me as pragas,
Que vos dictar o inferno, e quando a morte
Medonha abrindo as flamejantes azas
Em torno lhe voar da iniqua frente,
Cahi sobre ella com medonho assalto.
Nas garras do remorso, e d'amargura
Possa a indigna acabar. Desta maneira,
Vendo expiar seo crime entre os horrores
Da barbara tortura, innaccessivel
Ao pranto, á dor da reproba expirante
Morre tambem Palmor, mas vil naõ morre.

FIM. DO ACTO II.

ACTO III.

SCENA I.

Vista interior do Templo.

CORA SÓ.

Oh tu, cujo poder, cuja influencia
Penetra a terra, os Ceos, e o mesmo abismo,
Tu, cujo resplendor deslumbra os astros,
Expulsa a noite, e a natureza acorda;
De vida, de prazer fecunda origem,
Almo brilhante Sol, que o mundo adornas.
Tu numen tutelar deste hemispherio,
Author do sangue, que em meo seio agitas,
Deos de meos pais, e meo. Senhor supremo
De meo ser, meo Juiz. Aqui tens Cora
Tremendo, e só perante os teos altares.
Digna-te de attendela, e de julgala.
Se tu no giro teo constante, eterno
Mostrate sempre ao mundo a mesma face,
Se extinctas geraçoens, qne alumiaste,
Viraõ, como eu, a teos benignos raios
Mil flores rebentar, nascer mil entes,
Se no plano da vida infatigavel
Ardes para manter com teos luzeiros
Da creaçaõ o imperio obra so tua;
Como leis, que entretem de enercia, e morte
Pezada condiçaõ tuas ser podem?
Porque extranha virtude incomprehensivel
Opposta ao teo influxo, ao mundo adversa
Me sepultaraõ nestas mudas sombras?

Mas se aqui mesmo neste azilo eterno
De tristesa, e de horror, sempre em meo peito
Os teos dictames conservei gravados,
Se do fervido instincto á vos fui docil,
Com que os mortaes ao ser, e ao bem convidas.
Se tuas leis segui, deqne me accuzaõ ?
Como sem tem offender sou criminosa ?
A' morte me condemnaõ teos ministros,
E a lei que o decretou dizem ser tua.
Acreditar que devo ? Impoem-me as aras ?
Ou com falso esplendor tu me hallucinas ?
Ah ! naõ, de teo poder sinto agrandeza.
Tem a luz, e a Verdade a mesma força.
De que crimes entaõ sou delinquente ?
Se transgredir o que naõ he virtude
Nunca delicto foi, porque injustiça,
Porque lei dura se castiga Cora ?

SCENA II.

Palmor, e a dita.

PALMOR.

Immudece Blasphema. E que impiedades
Unir ao sacrilegio inda pertendes ?
Malvada ! Desta sorte os Ceos insultas,
Porque teo crime punem ?

CORA.

Que ouço! Oh Deozes !
Ah pay, deixa, que eu possa entre os teos braços—

PALMOR.

Affasta-te, insolente—Inda te atreves
A proferir de pai nome ?—ah longe
Longe de mim horror da natureza—
Eu teo pay ? Ceos ! Que opprobrio ! E gerar pude
Tam monstruosa filha ? Objecto infausto
Da colera dos Ceos, com que ousadia
Teo criminoso aspecto aqui me ostentas ?
Impia, que o raio abrazador provocas,
Que hade deppressa a cinzas reduzir-te,
Como trahir podeste os juramentos,
Que ao mais santo dos vinculos te uniaõ ?
Dezertora do altar, que profanaste,
Aposthata da lei, que te condemna,
Torpe agressora da gentil pureza,
Da virtude maior, que o claustro adorna,
Que crimes mais a prepetrar te restaõ ?
Acaba, poem o selo a teos horrores :
Estas cans, que athequi nunca aviltaraõ
Os revezes da Sorte, e do infortunio,
Arrasta pelo põ, no opprobrio arrasta.
Enche de horror o termo de meos dias,
E de irrizoens me cobre a sepultura.
Mas primeiro que a morte a luz me apague,
Da minha imprecaçaõ sente o castigo.
Refugo de meo sangue eu te detesto.
Sim, perfida, recebe em recompença
As minhas maldiçoens.—Monstro execravel,
Foge dos olhos meos, vai sobre as chamas,
Que a justiça ateou para abrazar te,
Perder o resto desse sangue impuro,
Que teos crimes nutrio. Leva ao supplicio
Coberta de ignominia, e vituperio

Tua indigna existencia.—Aos Ceos apraza,
Que em teo leito de morte ermo, e sem pranto
De teo crime os phantasmas pavorosos
Se erguaõ para seguir-te alem da morte,
E te façaõ sentir no horror do abismo
A'troz memoria, que na terra deixas.

CORA.

Oh reprehençaõ acerba! ai triste! e a onde?
A quem fará piedade o meo destino?
O Ceo, e a natureza me abandonaõ—
Que outro azilo me resta!—Eu desfaleço—
Sinto meo fim chegar-se.—Oh morte! oh morte!
Bem vinda sejas, lança nos meos olhos
Teos negros veos. Sim, tolhe-me depressa
A' luz que se me apaga, e que aborreço—
Porem que vejo? oh Ceos! Que horriveis monstros!
Que Serpentes de fogo assobiando
Deviso em torno? Que vulçoens medonhos
Abre a terra a meos pés! Filhas do abismo,
Vindes, para arrastar-me á noite eterna?
Vinde, a vosso furor se entrega Cora.
Mas ah! naõ, suspendei, deixai primeiro
A colera de hum pai satisfazer-se;
Dexai que de seo odio o triste objecto,
Ja que a morte em seos braços se lhe nega,
Victima do remorro a seos pés morra. [*Cahe-lhe aos pés.*

PALMOR.

Deozes! Gelar me sinto.—oh natureza,
Que grito vens de erguer dentro em meo seio?
Ceos! E sou eu o algós da propria filha?
Que feio horror me assombra.—Eu me detesto—
Faço aversaõ á natureza inteira.

Oh Cora! oh filha, oh lastimoso objecto
De ternura, e de horror, vem neste braços
Comigo derramar o extremo alento
Vem a meo seio, vem. Mas tu naõ falas?
Tens no semblante apalidês da morte?
Que tormento, ai demim! morrer me sinto.
Desgraçado Palmor. Querida filha.
Sim, eis aqui teo pay, que a teos joelhos
Hade morrer, ou vida outra vez dar-te;
Perdoa, sim perdoa. Extremamente
Fui comtigo cruel,

CORA.

Pay dezabrido,
Deixa-me a paz sequer da sepultura.
Porque extinctos teo odio inda persegue?
Mas que vejo? Palmor? banhado em pranto,
A meos joelhos? Ceos! oh torno a vida,
E torno aos braços teos?

PALMOR.

Sim, neste seio
Reconhece teo pay, nelle me aperta.

CORA.

Oh meo pay! oh prazer! Quasi que expiro
De alegria outra vez. Tu me perdoas,
Quando so merecia as tuas iras?
Ah Senhor, que triumpho mais pertendes
Dar á tua virtude? E de que modo
Inda queres provar minha fraqueza!
A' tua justa colera hum momento
Eu pude resistir, mas ver naõ posso

Sem minha confuzaõ tua ternura.
O pranto, que te arranca o meo destino,
Mais odiosa a minha culpa torna.

PALMOR.

Filha, os breves momentos, que nos restáõ,
Naõ percamos na dor de nossos males
Saõ por extremo grandes ; e he precizo
Todavia soffrelos. Sem remedio
Tem o Ceo decretado a nossa morte.
Minha a culpa so he. Sacrifiquei-te.
Sem tua alma sondar, lancei-lhe hum jugo
Com sua natureza incompativel.
Fez do teo coraçaõ meo zelo ardente
Huma victima infausta; e o meo arbitrio
Foi tua vocaçaõ, e o teo flagelo.
Ah cego ! Acreditei, que aceito ás aras
Fosse o meo sacrificio, e no teo voto
Alheio á indiscriçaõ dos tenros annos
Fundei minha esperança ; em ti firmava
O prazer de meos dias derradeiros.
Tua resignaçaõ gostoso eu via
Hir-me flores lançando a cada passo
Na estrada da ventura, a que aspirava ;
Mas oh delirio vaõ ! Cega imprudencia !
Desmentio meo projecto a natureza.
Mizeros pays, a que funesto extremo
Vossos filhos levais, quando á violencia
Regem seos coraçoens vossos preceitos !
Cora, triste Palmor. Perdida filha,
Eu te assassino, e tu me das a morte.
O Ceo para punir meo fatal erro
Fez da tua fraqueza o meo verdugo.
Mas tu, que conhecias o perigo

E de teo dever santo a austeridade,
Porque naõ foste forte? Quem, quem pôde
Offuscarte a razaõ para trazer-te
A tam cruel despenho, a tal affronta.
Que baixo seductor.—

CORA.

Senhor, perdoa,
Se indiscreta interrompo as tuas vozes.
Naõ foi vil seducaõ, baixo artificio,
Que a razaõ me offuscou, que illudir pôde
Minha innocente, credula piedade.
A filha de Palmor, que inteiramente
Ignora o que he fingir, da mesma sorte
Que franca te declara o seo delicto,
Te assegura tambem, que a tam vil preço
Naõ saberia inda hoje o que era crime.
De motivo mais nobre honra meos males;
Teos dezastres adoça: á examinalos
Nada acharás Senhor, que te envergonhe.
Minha culpa conhece. A origem d'ella
Poz dentro de meo seio a natureza,
O Ceo a secundou. Pela virtude
Foi cousnmado o resto—ah volve a mente
Para objecto maior, lembrar-te deves
No meio de que horror meo fim teria,
Se o Ceo naõ enviasse a soccorrer-me
Prompto libertador. Mudou-se a scena
Desse instante fatal. Salvou-me Alonzo
Mas Cora se perdeo.

PALMOR.

Ceos dezabridos!
Que nome á nosso estrago ajunta a sorte!

Pois que? Pôde tambem para perder nos
Alonzo conspirar? Quem tal pensara!
Depois de tantas provas de amizade,
De huma inteira confiança, huma tal paga
Deviamos ter delle! Aproveitar-se
De hum momento de engano, e de fraqueza,
Para nos fulminar males sem termo?
Ah! dos homens constante a marcha vejo.
Nelles virtude he sempre hypocresia,
A todo o custo seo prazer so querem.
Eis o amigo, eis o heroe, que impoz de Numen.
Falso, traidor, sacrilego, perjuro;
De nossos males fonte inevitavel.
Pois bem, ja que do crime origem foste,
Comnosco morrerás.

CORA.

Senhor, que dizes?
Que injustas iras a razaõ te asombraõ!
Quem offende a verdade, os Ceos offende.
Futeis louvores naõ carece Alonzo,
Mas, senhor, se a virtude honrar se deve,
De nosso culto que mortal mais digno?
Quem sem mais outro fim, que a humanidade
Calcando riscos, combatendo azares
Viria de tam longe a soccorrer-nos?
Nossa paz, nossos bens, e as nossas vidas
Naõ saõ do seo esforço obra somente?
Pois como a criminalo assim te appressas?
Alonzo o nosso apoio, a nossa dita,
O lustre dos heroes, da gloria o chefe,
Só porque huma alma teve ámor sensivel,
He perfido, he perjuro, he reo de morte?
Quam mal pagado o merito foi sempre!
Como he ferós, e barbara a virtude

Que o terno amor combate! Horriveis monstros
Vejo sem elle nos heroes da gloria.
Naõ, naõ he reo, Senhor, nem levemente
Alonzo delinquio. Se hum Deos terrivel
De fero zelo, e de vingança armado,
Inflexivel tyrano, oppressor duro
Dos ternos coraçoens, quer minha morte,
Quer nutrir com meo sangue os seos furores,
Embora d'elles victima eu pereça.
He mais hum terno coraçaõ, que acaba.
Mas viva Alonzo, sim, salve-se o amigo
Da oppressa humanidade. Ah corre, voa,
Senhor, busca este heroe, por mim lhe dize,
Que fuja, que abandone estes lugares,
Onde em contradiçaõ fatal, e extranha,
A natureza ri, quando amor geme.
Que distante de nós salve huma vida,
A' gloria, á humanidade, a mim tam cara.
Que deste povo ingrato, a quem servira,
Perdoe a condiçaõ, desculpe os erros.
Sua fraqueza naõ sabia amalo.
Mas que Cora a seos meritos sensivel,
Fiel aos sentimentos, que houve d'elle
De ternura, e de estima, vai constante
Entre as chamas crueis, que haõ de extinguila,
Mostrar, que athé ao derradeiro alento
Idolatrou Alonzo: ah viva elle!
Contente vou morrer, serei ditosa. [*Vai-se.*

SCENA III.

PALMOR SÓ.

Ceos! Que farei? Que ideas horrorosas
Minha ternura paternal assombraõ!

De Cora os elevados sentimentos,
O magnimo esforço, ao mesmo passo,
Que coragem me daõ, me daõ remorros.
Em que intrincado, e cego labarintho
Sempre incerta fluctua a mente humana!
Onde he que existe o erro, onde a verdade?
Quem pode penetrar sem confundir-se
Do coraçaõ os intimos recessos?
Sou pay, sinto me reo, e amo a virtude.
Eu me abismo.—Razaõ, serás chimera?
Ou dos tristes mortaes flagelo inutil?
Mas quem deste recinto o horror cruzando,
Para aqui se encaminha?—Alonzo!—He elle.
Ceos! de meo damno as fontes se abrem todas.

SCENA IV.

O dito, e Alonzo.

ALONZO.

Senhor, se a confuzaõ destes lugares,
A palida mudêz das sacras virgens,
O terror, que se espalha entre estes muros,
Naõ lançassem receios devorantes
Dentro em meo coraçaõ, naõ me atrevera
A entrar neste recinto innacessivel
Ao resto dos mortaes; mas desculpar-se
Deve o excesso do zelo, em que me inflamo
Pela vossa defeza; assas me he cara.
Minha vida, meo sangue hei tido em pouco,
Quando ao vosso serviço era precizo.
Nada contudo fiz, que vos penhore,
Em vertelo por vós, pela innocencia.
Esse o dever, e o gozo he da virtude.

Mais sublime penhor, maior direito,
Tenho á vossa amizade, á vossa estima.
Mais de huma vez, tremi por vossos males,
Mas de huma vez, gelei a vossos sustos,
E mil vezes ao vosso uni meo pranto.
Eis a forte prizaõ, que a vós me liga.
E serei eu de vossos infortunios
Tranquillo expectador? Essa tibiesa
Ao coraçaõ de Alonzo era impossivel.
Elle, se vos gemeis, convosco geme.
De vossa confiança eu gozo a ditta.
Senhor, naõ saberei, que acerbo lucto
Envolve o teo semblante?

PALMOR.

Ha desventuras,
A que naõ basta o pranto. He necessario
Sua idea a pagar no horror do morte.
Dor concentráda he sempre a mais terrivel.
Nossos males sem duvida horrorosos
Athé agora tem sido; e toda via
Eu podia soffrelos. No dezastre,
A barba, e as cans intrepido me acharaõ;
E de encarar meo fado hoje me atterro.
Sei que pranto, que zelo, e que serviços,
Te haõ merecido os nossos infortunios.
Em nome deste povo, eu te agradeço
Os beneficios teos—Mas ah! sem elles
Naõ seria Palmor tam desgraçado.

ALONZO.

Desgraçado Palmor? Ceos! de que assombro
Se enche minha alma!—E de que horriveis males
Tem sido Alonzo author?

PALMOR.

Cheios de opprobrio,
Cora, e Palmor nas chamas expirando,
Depressa te diraõ quaes estes males
Saõ, quaes os bens, que prodigo nos deste.
Oh Ceos! E poderia imaginar-se,
Que o vencedor dos nossos inimigos,
O modello da gloria, e da virtude,
Que heroe se aprezentou, se disse amigo,
A nossa perda unisse á seos triumphos?
Que Alonzo o prazer barbaro tivesse
Da nossa humilhaçaõ, da nossa morte?
Prezumido mancebo, agora vejo
Qual da tua virtude era o motivo.
Dos homens, que se jactaõ de sensiveis,
Eis a gloria fatal. Por hum momento
De prazer, de illuzaõ nada lhes custa
Sacrificar huma familia inteira—
Oh mizero destino! E de tam longe
A viltar-nos trouxeste o teo soccorro?
Quem te exigia esse valor funesto?
Ah se para insultar protege a força,
Quanto fora melhor nossa fraqueza!
Souberamos morrer, se assim comprisse,
Mas sem labeo se hiria á sepultura.

ALONZO.

Que ouço? Triste demim!—Que horror me gela!
Senhor, modera o teo rancor terrivel,
Melhor conhece Alonzo; e sê mais justo.
Desperto des da infancia á vós da gloria,
Sempre o meo coraçaõ, fixo em seo norte,
Rumo naõ soube mais, que o de ser util.

Prevendo experiente os vossos males,
Corri a unir-me á vós. Marchas, fadigas,
Nada pode assustar-me. Era ajudar-vos,
Ou com vosco acabar, meo prosuposto.
Da vossa cauza o zelo, o da justiça,
Me trouxe unicamente á vossos lares.
Meos olhos inda entaõ naõ tinhaõ visto
A filha de Palmor. Sim, bastou vela,
Bastou ver seos encantos, porque Alonzo
Naõ tivesse outro fado, mais que amala,
Possuila, ou morrer. Tinha a justiça
Ligado, sem que a visse, as nossas sortes,
Unio depois o amor nossas vontades;
Que muito fora entaõ, que me prendessem
A' bella Cora indestructiveis laços?
Ah! de estorvo somente eraõ seos ferros.
Hum momento de horror quebralos pôde.
Voei a soccorrela; e o nosso encontro
Foi da nossa uniaõ motivo eterno.
Desceo dos altos Ceos naquelle instante
Nosso puro hymineo, e a confirmalo
Naõ foi precizo hum juramento esteril,
Que só surprende o amor, mas que o naõ firma.
Foi nosso templo a natureza inteira,
Foraõ fogos do Ceo da pyra os fachos,
E os nossos coraçoens altares foraõ.
Nelles, na fé reciproca seguros,
A' hum destino cedendo irresistivel,
Amor, vontade, ser, tudo, ligando
N'hum ser; démos as maõs, e suspirámos.
Desta nossa uniaõ licita, e pura,
So faltava instruir o mundo, e as aras,
Mas o Erro se oppunha, era precizo
Combatelo primeiro; e sem trabalho
A's armas da razaõ naõ cede o erro:

Eis de meos sentimentos toda a historia.
Se desta confiçaõ, que he verdadeira,
Tu te offendes, Senhor, se reo me julgas,
Por unir-me ao teo sangue—Ah satisfaze
As tuas iras, teos desastres vinga,
Pune o delicto em mim, que te deshonra.
Minha espada aqui tens, verte o meo sangue,
Extingue, lava nelle a offença tua.
Tira do mundo hum ser que inutelizas,
Que á idea do delicto, e da existencia
Naõ se pode ligar. Pereça Alonzo,
Primeiro, que á innocencia, e que á virtude,
Huma lagrima só seos dias custem.
Que te detem, Senhor, despede o golpe,
Se eu precizo morrer para applacar-te,
Eu to supplico, fere. Alegre acabo
Morrendo ás tuas maõs.

PALMOR.

Vai-te, estrangeiro,
O mal nos deixa, que teos dons fizeraõ.
Vai levar teo valor, e os teos soccorros,
Onde naõ custem tanto, de nos foge,
E deixa nos morrer.

ALONZO.

Que ouzas dizer-me?
Eu deixar-vos? E hes tu quem mo aconselha?
Cora, Palmor por minha culpa devem
N'hum supplicio acabar, e eu vil cobarde
Devera em tal conflicto abandonar-vos?
Oh Palmor, oh meo pay, sim, que este nome
Ja naõ podes negar-me, o meo esforço

Naõ invileças tanto. Esse odio acerbo,
Com que me feres, com que me regeitas,
Diminue, Senhor. Naõ to mereço.
Prompto me viste sempre a expor a vida
Por defender tua cauza; e ver me has hoje,
Se os teos preclaros dias, se os de Cora,
Ameaçados estaõ, ver me has correndo,
Qual tygre embravecido, ondas de sangue
Pela terra espalhar, vingar teos males,
Ou morrer a teo lado. O defender-te,
A quem mais tocaria do que a hum filho?
Creme, Senhor, naõ sou vil embusteiro,
Fero verdugo, seductor imfame
De tua filha. Sou de Cora esposo,
Sou teo filho. Este nome naõ me roubes.
Naõ deixarei, Senhor, tua prezença.
Que digo? Naõ sahirei dos teos joelhos,
Sem comover-te o coraçaõ paterno,
Ou morrer á teos pés. Naõ, naõ te deixo,
Ou chama-me teo filho; ou da me a morte.

PALMOR.

Basta Senhor, naõ mais. Tu me consternas
Com tuas expressoens, e a dor me avivas,
Naõ creas entretanto, que insensivel
A'finezas, que obraste em nosso abono,
Naõ saiba apreciar tuas virtudes.
Sinto-as assás, e assás me foraõ caras.
Mas se Palmor estimas, se amas Cora,
Cumpre o que ella por mim manda pedir-te.
Hum Deos cruel perdeo nossa familia,
Nosso sangue persegue—ah! que lhe fujas,
Que a serviço melhor teos dias poupes,
Saõ de Cora expirante unicos votos.

Ella por mim to exprime—ah! naõ pertendas
Teo esforço perder, baldar seo pranto,
Seos deveres tentando irrevocaveis.
Cora ao culto do Sol foi consagrada.
Força humana quebrar naõ póde os laços,
A que ligado a tem seo juramento.
Neste culto nasceo, morrerá n'elle.
E Palmor, que de exemplo hade servir-lhe,
Naõ tem mais que escolher; taes sentimentos
Alterar-me naõ pode a mesma morte;
Sei desprezala; e quando a receasse,
Aprendera de Alonzo a naõ temela.
Nada mais tenho, que dizer-te possa.
De ti, de teo exemplo persuadido,
Sem saber o que he susto, a morrer corro. [*Vai-se.*

SCENA V

ALONZO SÓ.

Ah! onde levas temerario os passos?
Detem-te; escuta—oh mizera cegueira!
Oh fereza implacavel! Sorte infausta!
De contrarias paixoens que acerba lucta
Combate sempre o coraçaõ humano!
Quando deve gemer, folgar so sabe.
A prantos surdo, treme de chimeras.
Ah! teo furor conheço; a sede tua,
Barbaro Fanatismo, he só de sangue.
No debil coraçaõ, que tu governas,
Extinguindo a piedade, odios só nutres.
Mas contra mim de balde armas teo braço,
Revoltando indignado a natureza.
Monstro vil de fraqueza, orgulho do Erro,

Heide desmascarar-te, ou serei cinza.
Cora, Cora onde estás? Teo pouzo he este.
Quem te affasta de mim? Porque te escondes?
Tambem do Fanatismo á vos secumbes?
Ah naõ! Tu naõ serás victima sua.
Eu ja corro, eu ja corro a espedaçar-te
Os indignos grilhoens. Cora, o momento
De salvar-te he chagado. Eia corramos
Nossa sorte a encontrar. Naõ mais se hezite.
Do Erro o altar se prostre, ou finalmente
Da virtude huma vez se extinga o nome.

FIM. DO ACTO III.

ACTO IV.

SCENA I.

Salla imperial de Ataliba.

O dito, e Las Cazas.

ATALIBA.

Vem generozo amigo, impaciente
A chamar-te enviei; de teos conselhos,
De teo util saber, nunca Ataliba
Em urgencias fataes precizou tanto.
Do destino das armas, do progresso,
Ou firmeza do imperio hoje naõ cuido.
De importancia maior revolvo objectos.
Enteresses do Ceo me absorvem todo.
Saber quero a verdade; em te confio,
Sei a tua franqueza, a minha sabes.
Dize me pois, se hum Deos, que a natureza
Proclama inteira, e que os mortaes pregoaõ,
Nosso culto requer, se os sacrificios,
Que este culto prescreve, o Ceo attende,
Se escuta a Mente eterna humanos votos.
Da certeza. que busco, a luz me ostenta,
Rasga o veo, que ma esconde, e se he possivel,
Dessipa-me as crueis perplexidades,
Que a minha docil piedade assustaõ.

LAS CASAS.

Oh Inca, oh nobre amigo dos humanos,
Amigo de Las Cazas, que honras tanto.
Eu te ouvi com prazer. Por tua boca
A Exactidaõ falou, e a Ingenuidade.
Com a mesma igualmente heide falar-te.
Nada ancerra minha alma, que te esconda.
Sim, dos mortaes o grito hum Deos pregoa;
Proclamado aparece em toda a terra.
Mas esse Deos, que observas, que figuras,
Bramindo no trovaõ, nas tempestades,
Nos abalos do chaõ gemendo horrivel,
No relampago accezo, á Luz patente,
Expresso em fim na voz da natureza,
Permanente naõ he, e invariavel;
Antes sempre inconstante, incerto sempre,
Humas vezes amigo, outras tirano,
Muda nas estaçoens, differe em climas;
E dá logo motivo ás varias formas
Crueis, extravagantes, caprixozas,
Que incerta lhe attribue a mente humana.
Naõ, Ataliba, o Deos, que eu reconheço,
Principio da razaõ, da Intelligencia,
Sempre o mesmo, em seo ser sempre uniforme,
Totalmente he destincto do Universo,
Onde contrarios elementos luctaõ,
Que produzem do mundo avariedade.
Ah! natureza, e Deos naõ confundamos.
Ella naõ he o orgaõ seo bastante,
He mal a sua acçaõ sobre o que vive,
Buscalo pois convem, naõ no que vemos,
No mundo exterior, mas em nós mesmos,
Dentro dos coraçoens, onde o sentimos.
Dentro dos coraçoens, sim, nos poz elle

Os principios do justo irrefragaveis;
Deo-nos a consciencia, e dentro d'ella,
Hum juizo exercendo imperturbavel,
Absolve mesmo ali e ali condemna.
  Trahindo em seo remorso este principio,
Se desmente a impiedade, que o regeita.
Da qui ja podes vér, que hum culto estranho
Que as vagas propençoens da natureza
Naõ podem só bastar, que a Divindade
Outro culto naõ quer, mais que a homenagem
De hum coraçaõ sincero, e verdadeiro,
Que d'elle unicamente escuta os votos
  Piedozo pranto dado ao pranto alheio,
Da propria offença dor, perdaõ da extranha,
Lucta contra illuzoens, que o crime doiraõ,
Esforço, e só esforço a bem da especie,
Saõ para o Ceo mais gratos sacrificios,
Que victimas, que offrendas.—Eis o culto,
Eis o templo melhor, que esguer-lhe póde
Leal, e agradecida a humanidade.

Ataliba.

  Do que acabas de espor-me a força sinto,
Reconheco o valor desses principios.
Folgo de ouvir, que hum Deos, e hum Deos que ser-
De hum culto razoavel só se agrada, [ves,
Porem se outro qualquer bastar naõ póde,
Se regeita o da mesma natureza,
Porque dado nos foi o instinto inutil
De adorar no universo a imagem sua?
Adoralo somente entaõ bastara
Dentro da consciencia, onde se exprime.

LAS CAZAS.

O homem, que por leis, que se naõ mudaõ,
Leis do seo creador, da sua essencia,
Livre nasceo ; da sua origem trouxe
O germe da virtude ; a pagar podem
Este germe com tudo as paixoens suas,
Quando em fero conflicto ellas bravejaõ.
Por isso he necessario despertar-lhe
Da Divindade o sentimento interno,
Dar-lhe hum culto exterior, que he sempre inutil,
Quando ao seo interior naõ conresponde,
He precizo taõbem, que elle combata
As suas propençoens, e os seos prestigios.
Sem meio attentaçoens, sem meio a crimes,
Que merito teria entaõ virtude ?
Nada superfluo tu no homem creas,
Tudo quanto lhe coube ao seo fim tende.

ATALIBA.

Pois bem, naõ posso oppor-me a taes dictames.
Aos olhos da razaõ justos parecem.
Mas se o homem descahe taõ facilmente
D'esse principio interno de virtude;
Se a illudir-se, a cahir, e a despenhar-se
Natureza, paixoens, tudo o convida,
Quem, quem hade sustelo, e derigilo,
Cego, izolado, e só, para a verdade ?

LAS CAZAS.

A verdade, Ataliba, que se esconde
No tropel das paixoens, ver bem se deixa
Do sincero mortal, que attento a busca
Dentro do coraçaõ; que elle se attenda

Sua voz claramente hade explicar-se.
Oh Inca, a reflexaõ sobre nós mesmos
He o primeiro grao da Sapiencia,
Que nos guia á verdade. Em vaõ se escuza
De reflectir a Inercia—ao sentimento
Saõ francos totalmente os seos caminhos.
Se o pharol da Razaõ naõ brilha sempre,
Accuzar naõ se deve a natureza.
D'ella a culpa naõ he; quem da verdade,
Ouza faltar á voz, falta a si mesmo,
Calumnia a Razaõ, e o Ceo desmente.

ATALIBA.

Sim, minha alma perplexa asseguraraõ
As tuas expressoens, tu me illuminas,
Por ti hoje a razaõ mais clara vejo.
A verdade em seo lustre me aparece;
Teos labios sem rebuço a produziraõ
Já naõ posso enganar.me. Hum Deos conheço.
He da sua existencia o melhor orgaõ
Meo proprio coraçaõ, nelle a verdade
Tem o seo testemunho; elle me grita,
Que a hum Deos devendo hum ser, lhe devo hum [culto,
Que sendo eu seo fiscal, manter-lho devo.
Revocar nada pode as leis sagradas,
Os decretos do Ceo, quando elle ordena,
Toda a duvida cessa. Eis os principios,
Que aclarado me tens, principios puros
De huma religiaõ, que crer me fazes.
Pois bem, d'elles guiado a cumprir corro
Os meos deveres, rigida justiça
O Ceo me pede, vou satisfazelo.

LAS CAZAS.

Os teos deveres? rigida justiça
Te pede o Ceo? De que justiça falas?

ATALIBA.

Cora, virgem do Sol quebrando os votos
Da pureza claustral, commette hum crime,
Que o seo culto condemna. Morrer deve,
Eu devo deste culto em dezempenho,
Executor da lei, fazer camprila.
Corro a appressar o infausto sacrificio,
Que doloroso assás era á minha alma,
Mas que hum santo dever precizo torna.

LAS CAZAS.

Ah! que dizes? Senhor, suspende os passos,
Que mal interpretaste as minhas vozes!
Como de hum Deos immenso, incomprehensivel,
De que traços so tens, designios sabes!
Credulo orgulho! mizera cegueira!
Senhor, modera esse fervor ancioso,
Com que do Ceo a cauza te arrebata.
Delirante piedade, insano zelo,
Ultrajaõ mais os Ceos do que a blaphemia,
Do philosopho incerto, que fluctua,
Sobre incognitas leis, que o mundo regem.
Tolorancia, Senhor, só tolerancia,
A socia da razaõ, do mundo amiga,
He culto grato áo Ceo, que o sangue odeia.
Como podes tu crer, que o Ser benigno,
Que a existencia nos deo, e o gozo d'ella,
Seja hum Deos de rancor, de sangue avaro?

Ah naõ avilt es naõ seos attributos,
Imputando-lhe os erros, e as fraquezas,
Dos mizeros mortaes, nem vingar cuides
Do Ceo a cauza, quando a tua vingas,
Tu queres elevar-te á Eternidade,
E marchas sobre a morte ! Creme, oh Inca,
O sangue derramar de huma donzela,
Só porque fraca foi, porque naõ soube,
Hum voto sustentar, que as mais das vezes,
Da indiscriçaõ rezulta, ou da violencia,
Só de brutalidade indigna pode
Ser barbaro dictame—Ah sim, tua alma,
He capaz da verdade. Expulsa, extingue,
De hum culto monstrouos o as vans chimeras,
Aos coraçoens a liberdade torna,
Torna o que foi roubado á natureza,
O direito a gozar, que aos entes dera.
Futeis promessas, temerarios votos,
Regeita sempre o Ceo, que os quer só puros,
Que naõ pune as fraquezas de hum momento,
Com perpetuo castigo.—E tu mais justo,
Quando o Ceo he piedoso, hes tu severo ?
Ah ! calca do Erro as suggestoens nefandas,
Quebra os torpes grilhoens, que a mente algemaõ.
Eis te elevado ao cume do infinito,
Da humana especie tens nas maõs a sorte,
Podes lançala n'hum purpetuo cahos,
Ou elevala aos Ceos. Vacillar podes ?

ATALIBA.

Naõ naõ vacillo ; os vergonhosos laços,
Estalem do Erro ; cesse inteiramente,
Se athé qui me enganei, meo cego engano.
Entre o bem dos mortaes, e a sua perda,

Naõ fluctua Ataliba. O bem só quero,
Esse dos votos meos foi sempre o norte,
Nunca sem frio horror vi correr sangue.
Meo prazer era sempre o gozo alheio,
O meo Idolo a paz. Ceos! vos trahisteis
Os votos meos ; e as minhas esperanças,
Vi subito cahir, e evaporar-se
Do gelido terror nas maõs inertes.
Mas Las Cazas me anima, e me esclarece,
Ja naõ temo affrontar de escravos erros
O barbaro tropel. De hoje em diante,
Ser me ha culto a Razaõ, Nume a Verdade,
Sim, firme Esteio nos dezastres nossos,
Nas perdas valedor, no risco amigo,
Tu só podes guiar-me ao bem, que anceio.
Faze, que deste povo e de Ataliba,
Por ti, por teo saber correndo á gloria,
Com pasmo, e admiraçaõ fale o Universo,
Todo me entrego a ti. Vai, busca Alonzo,
O que a cabas de ouvir me, lhe anuncia.
Sei prestar-me á razaõ, quando me fala.
Fez-me rei o destino, e naõ tyrano ;
Se na Europa o reinar orgulho infunde,
Meo clima, minhas leis o inverso inspiraõ.

LAS CAZAS.

Oh Ataliba, oh Rei dos reis modello,
Com que assombro te escuto! Ah sim, eu corro
Ao amigo fiel, nuncio gostoso
De teos doceis sublimes sentimentos,
De excessivo prazer vou transportalo.
Como eu por tua cauza se intereça,
Como eu preza tambem tuas virtudes.
Naõ cesso de admirar-te. Em ti somente,

Thégora o homem vi da natureza,
Hoje em ti vejo o heroe, que o razaõ guia,
Que por ella vai ser do mundo assombro. [*vai-se*

SCENA II.

ATALIBA SÓ.

Graõ Las Cazas! Alonzo! oh de amizadc,
Oh de virtude exemplos raros! Quanto
Devo ao vosso valor! Por vós mudada,
Foi deste imperio a vacillante sorte,
E vai por vós mudar-se a minha crença.
Mudar-se? E assim respeito os patrios Deozes?
Assim me curvo ás leis, que o ser me deraõ?
Ah sou eu Ataliba? Em quem confio?
Que extranha confuzaõ! Dous estrangeiros—
Naõ. Ingrato naõ sou. Deraõ-me a vida.
Quem o Ceo enviou para guardar-me,
Naõ me pode trahir—mas que prezença,
Vem minha alma assustar!

SCENA III.

Pontifice e o dito.

PONTIFICE.

Preclaro filho,
Do Sol, do imperio venerando chefe,
Do nosso templo, e nosso culto apoio.
Que demora retarda aqui teos passos?
Que cauza te detem? Do sacrificio,
Promptos estaõ os lugubres aprestes,

A victima está prompta. Nada falta.
Só por tua prezença he que se espera,
Para atear-se a esplendida fogueira,
Cuja chama propicia extinguir deve
Da victima execranda o torpe sangue,
Preciza offrenda ás vingadoras aras.

ATALIBA.

Soberano Pontifice, hum momento,
Permitte ao coraçaõ, permitte á idea,
Que te observe em socego, que das aras,
Tam fero proceder, rigor tam duro,
A' sublime razaõ se naõ conforma.
A hum Deos de paz, clemente, á hum Deos benigno,
Como pode agradar carnagem, sangue ?
Quem tem por seo dominio a eternidade,
A seo arbitrio quem derige os mundos,
Que precizaõ ter pode de vingar-se,
Dos momentaneos erros, da mizeria,
De hum ser tam debil, passageiro, e ignaro ?
Ah ! da fraqueza as culpas perdoemos,
De hum Deos se imite a placida clemencia,
Cora só fraca foi, Cora se absolva.

PONTIFICE.

Oh ! Ceos ! Que escuto ! Que blasphemia hor-
Nos ouvidos me troa ! Eu durmo ou velo ? [renda
Ataliba he quem fala ?—Ah de horror tremo !
Ataliba do culto, e dos altares,
O proprio defensor he quem se atreve,
Ao respeito faltar, que exige o templo ?
A justiça attacar de hum Deos terrivel,
Que nunca deixa sem castigo o crime ?

E de que atrós piedade jactancioso,
Do Ceo, que pune, o proceder reprovas ?
Ah sem receio de emminente estrago,
Ouzas tu blasphemar ? Naõ, tu deliras.

ATALIBA.

Naõ, sagrado ministro, eu naõ blasphemo,
A justiça de hum Deos, que os crimes pune,
Naõ pretendo attacar ; mas instruido,
De outro sáber, de mais brilhantes luzes,
De hum Deos, que pintas sempre enexoravel,
Despiedoso, e cruel, fiz outra idea.
Sim, delictos punir justiça creio,
Mas delictos naõ saõ fraquezas, erros.
E a justiça de hum Deos, que naõ destingue,
Da maldade a fraqueza, incompativel,
He c'o meo coraçaõ, que ama ser justo.
Perdoa, se me engano ; estes dictames,
Saõ contudo á razaõ sem custo aceitos.
Gratos á humanidade ; e sobre tudo,
De Las Cazas, e Alonzo ao Deos conformes.

PONTIFICE.

Que proferes ? Que horrores me anuncias ?
Que ? De Las Cazas, e de Alonzo escravo,
Ja desprezas teo Deos, e o seo preferes ?
Só por que mais, que o nosso, estende o raio ?
Ceos ! E que negras tramas, que artificios,
Comromperaõ tua alma ! oh crime ! oh mancha
De eterna confuzaõ ! Dous embusteiros,
Que a ambiçaõ trouxe aqui para perder-nos,
Ataliba arrancaraõ de seo culto,
De seo templo, e seo Deos.—De horror me gelo.
Ja naõ hes Ataliba, o santo herdeiro,

Das virtudes do Ceo, que a ti baixaraõ.
Blasphemo atrós, aposthata insolente,
Sim, sobre a tua criminosa fronte,
Tua condemnaçaõ ja vejo impressa.
Vai, vai longe de nós, contigo leva,
Pragas, e maldiçoens, vai onde acabes
Em odio aos Ceos, á natureza monstro. [*volta-lhe as costas*
Oh sombra de Zorai, suspende o pranto,
Que por hum pay derramas. Ataliba,
Naõ, ja naõ he teo pay. Deixou seos Deozes.
Outro culto, outra crença á nós o arranca.
Tuas expiaçoens perdidas foraõ.
Em vaõ choras: em vaõ triste lhe acenas;
A teos braços o esconde abismo eterno.
Cessa de suspirar; que eu vou ja prestes
Perante o Sanctuario apresentar-me,
A colera do Deos, que ali prezide,
Invocar, conseguir vingança ou morte.

ATALIBA.

Ah suspende, ministro—halucinei-me,
Perdoa, sim perdoa o louco escesso,
Da minha indiscriçaõ. Cahir naõ façās
Sobre a minha cabeça o raio ardente,
Da tua maldiçaõ. Dos patrios Deozes,
De hum filho, e de mim mesmo, ah naõ me arranques!
Se sou reo; eis me curvo a teos joelhos,
Prompto a perder o sangue, a vida, tũdo,
Para applacar o Deos, que aqui governa.
Venerando ministro dos altares,
Se este Deos, que offendi involuntario,
Inflexivel naõ he. Tu de Ataliba,
Com elle o coraçaõ reconcilia.

PONTIFICE.

Pois bem. Alenta hum pouco as esperanças,
Huma ves este Deos tambem perdoa.
Elle offendido está, porem tu presta,
Nas minhas maõs de novo hum juramento,
De nunca mais oppor-te á voz das aras,
E com profunda, e cega obediencia,
Do Ceo, do sacerdote ás leis curvar-te.

ATALIBA.

Assim o juro, assim heide comprilo.

PONTIFICE.

Podes erguerte. Estás santificado,
Renasceste. Outro vez vejo Ataliba.
Mas para prevenir-te huma fraqueza,
Que so piedade frivola te excita,
Quero do Ceo mostrar-te o sabio plano,
A' maior parte dos mortaes occulto.
Olha esta natureza que nos cria,
Devorar n.hum momento immensos seres,
Nas guerras, nos vulcoens, incendios, peste.
Olha no espaço immenso interminavel,
O vazio, que vai de orbe athé orbe.
Cres entaõ menos sabia a economia,
Quando governa em pouco, ou muda tudo?
Ah cré, que a perfeiçaõ, que he do Ceo plano,
Na multidaõ naõ jas, mas na excellencia,
Da especie, a quem confere a primazia.
Assim para exaltarnos sobre a terra,
A humanidade, e naõ os homens fita.
Deve sempre seo numero apoucar-se,
Se acazo a perfeiçaõ buscar-se tenta,

Eis o plano dos Ceos, Corre a cumprilo,
Corre, voa appressar hum sacrificio,
Que quanto aos coraçoens for mais custoso,
Será por isso aos Ceos tanto mais grato.

ATALIBA.

Sim ja corro; de hum jubilo celeste
Me transporta o cumprir do Ceo as ordens. [*vai-se.*

PONTIFICE.

Vai, segue a voz fiel, que te encaminha.
Se o altar naõ troa, o sacerdocio he nada. [*vai-se.*

SCENA IV.

Vista interior do Templo.

Alonzo de hum lado do theatro, e Cora do outro se apercebem, paraõ, e depois he hum momento de hezitaçaõ correm abraçar-se.

ALONZO.

Ceos! he ella—

CORA.

Que vejo?—Alonzo!

ALONZO.

Cora!

CORA.

Hes tu que os braços meos de novo apertaõ?

Ou me illude algum sonho ?—Oh suspirado,
Gostoso objecto de sáudade e pranto,
Que Numen bem fazejo, ou que prodigio
Tornou a darte a Cora ?—Ouvir podeste
Meos ais acazo, ou meo cruel destino ?
Oh quanto eu sou ditosa, se a meos males
Huma lagrima só tem dado Alonzo!
Ver-te e amar-te fez toda a minha gloria,
Ser tua ou naõ viver só me cumpria,
Contente eu felecito a minha sorte,
Quando me arranca o ser, se a ti me arranca.
Sim, viver sem Alonzo era impossivel
A' quella, que te adora—ah se o perder-te
He ja do Ceo decreto irrefragavel,
Mais nada lhe restando no Universo,
Alegre de acabar, vai morrer Cora.

ALONZO.

Morrer Cora ?—oh tormento insoportavel!
Oh desesperaçaõ naõ me aniquiles!
Morrer Cora, e eu com vida ?—ah! naõ primeiro
Alonzo, e a natureza haõ de extinguir-se!
Mas que digo ?—Morrer, sim deve Cora,
Unida ao terno Alonzo, entre as delicias,
No extazes do amor mais relevantes,
Sim, morrer nesse instante ambos devemos,
Em que o nectar dos Ceos sorvendo absortos,
Huma alma unicamente, e hum ser formar-mos.
E depois resurgindo em novas glorias,
No seio do infinito assim ligados,
Lacteas vias correndo, ou turvo abismo,
Hum perenal deleite ambos gozemos,
Jaz, onde estiver Cora, o Ceo de Alonzo,
Eis a morte, meo bem, que nos pertence,
D'outra naõ sei lembrar-me.

CORA.

Oh caro Alonzo,
Doce emprego desta alma, unico objecto
Da minha gloria, e minhas esperanças,
Por ti, por teo amor, pude hum momento
A grandeza sentir da minha dita,
E sinto agora mesmo entre os transportes
Desses celestes bens, que me figuras,
Dezuzado prazer—mas hum destino
Bem diverso deve hoje separa-nos.
Outrora de teos braços trouxe a imagem
Desses bens, que a durar me enlouqueceraõ,
E hoje ao deixar teo seio, unico asilo,
Que tenho no Universo, em mudas cinzas
Vaõ subito tornar-se estes prazeres,
Vai, oh lembrauça atrós! nas lavaredas,
Em turbilhoens de fumo, entre os horrores
Do vil opprobrio, onde me espera a morte,
De ti, de meo amor perder-se a idea.
Ay demim! Este amor, que aos Ceos foi grato,
Com que soube encantar-me a natureza,
He odio dos mortaes; leis dezabridas
Condemnaõ este amor; e he necessario,
Para roubar-me Alonzo, extinguir Cora.

ALONZO.

Que dizes? Que poder barbaro iniquo,
Que dezabridas leis podem roubar-me
O thesouro melhor, que os Ceos me deraõ,
Teo terno coraçaõ? Porque violencia,
Fanatica sedenta austeridade,
Contra nos conspirando hoje pretende
De nosso puro amor fazer hum crime,

Punir-te, e me trahir? Pois bem; meo braço
Castigar tambem sabe, e abater monstros.
A vencelos a muito o afez a Gloria,
E hoje amor redobrando os meos esforços,
Hade dar de ousadia hum novo exemplo.
Cora tu foste minha des do instante,
Que vi nos olhos teos brilhar tua alma.
Os nossos coraçoens, que entaõ se uniraõ,
De ajustes, convencoens naõ precizaraõ.
Por lei constante, lei, que abrange tudo,
Confirmou este laço a natureza,
Que força pode haver, que o despedace?
Ah! naõ. Ainda que a par dos seos horrores
Surgisse todo o inferno a destruilo,
E as suas furias empenhasse todas,
Cora seria salva. Aos elementos
Accendidos em guerra, á natureza
Agonizante, mesmo aos Ceos irados
Havia disputar-te.—Eu naõ sopporto
A idea de perder-te inda mais rude,
Inda mais horrorosa, que a do crime.
Ay de Alonzo! ay de Alonzo! se aos teos dias
Elle for necessario.—Oh Ceos! thé onde
Me arrastaria o excesso da vingança?
Que sangue, que furor, que incendios, mortes!
Que luctuoso, horrifico dezerto!
Porem de imagens vans porque me assombro?
Tu Cora, anjo de amor, meo seio alentas,
Cora eu te vejo, o inferno se aniquila.

CORA.

Senhor, tam nobre esforço, essa coragem,
Que empregado so tens pela virtude,
Para que he malograr, expondo avida,

Só por salvar huma existencia inutil.
Tanto os meos infortunios naõ merecem.
Se pois culpada sou, se morrer devo,
Naõ queiras offuscar a tua gloria,
Defendendo meos dias. Tu preclaro,
Tu generoso apoio da innocencia,
Para empreza melhor teo valor guarda.
Se inda tens que arriscar, se expor-te queres
Do destino ao furor, lembre-te a vida,
De hum mizero innocente, que naõ sabe,
Que Alonzo o ser lhe deo, que alenta Cora,
Neste seio, ay de mim! Que entorpecer-lhe,
Vai o sopro da morte—neste seio,
Onde reinavas—que era teo—e expira.

ALONZO.

Ceos! Que sinto? Oh terror! oh dezalento!
Natureza, que hes may, naõ me abandones.
Cora, extremosa Cora—ah sim, reanima
O teo perdido alento, as esperanças—
Inda respira Alonzo—inda a teo lado
Está prompto a affrontar incendios, mortes,
Ruinas, submerçoens.—Sim, destes labios
Hum osculo somente empenharia
Celestes legioens a defender-te,
E hum mortal, que por elle a Numen sobe,
Quanto affrontar naõ ousa?—ah naõ! naõ creias,
Que a humanidade tenha mais direitos,
Tenha mais jus que amor—mas tu culpada?
Porque extranha illuzaõ podes tu crelo?
Ah! primeiro, que as leis que te condemnaõ,
Outras, e mais sagradas existiraõ,
As leis da natureza, que te absolvem,
Que te mandaõ amar.—Que saõ á vista
Dessas constantes leis, que o mundo regem,

As leis dos homens? Nada mais que hum echo
De surdas vozes, que no ar se perdem.
Sim, tu hes pura como a luz dos astros,
Crimes naõ gera amor, gera virtudes.
Troveje embora o Fanatismo irado,
Ameaças, traiçoens, calumnias teça,
Nosso constante amor, nossa fé pura,
Haõ de tornalo mudo, ou confundilo.
Eis me aqui de teo lado inseparavel,
Existir ou morrer devemos juntos.

SCENA V.

Os ditos, e Amazile.

AMAZILE.

Senhor, tua clemencia implorar venho,
O Ceo, e o teo auxilio, he quem nos resta.
Se nos queres salvar, naõ tardes, voa,
A ruina de Cora se avisinha.
Por ordem de Ataliba inda hoje mesmo
Dos dias seos o sacrificio horrendo,
Com medonho apparato, hade findar-se.
Eu vi posto que em lagrimas banhado,
O Monarca preplexo, e duvidoso,
Dar esta cruel ordem ; mas cedendo,
A's vozes, e terriveis ameaços,
Do cruel Sacerdote, e repremindo,
O seo bom coraçaõ, jurar cumprila.
O momento naõ tarda.—ah nossa perda
Muito proxima está.—Senhor, podeste
Este povo salvar, que te era extranho,
E Cora porque te ama, porque he tua,
Sem remedio será sacrificada?
Infeliz Cora, mizera Amazile!

ALONZO.

Naõ, naõ será.—Do horrido decreto,
Heide o rigor frustrar.—Fero Ataliba!
Barbaro, ingrato! E consentir podeste
Em tam negro designio?—oh golpe acerbo!
Excedo no tormento aos condemnados,
Aos Demonios na raiva.—Mas eu vivo,
Sim, inda vivo, e sinto apar de Cora,
Valor para affrontar todo o Universo.
Embora a combater me, embora tragas,
Imfame sacerdote, o tropel todo
Das tuas maldiçoens.—Que em vaõ condemnas,
Depressa convencer-te haõ de os meos golpes.
Que? vil algós da candida innocencia,
Pertendias d'esta arte assassinar-me,
E impunido ficar? Naõ. Ja do averno
Vejo erguer-se os Dragoens sangui-sedentos,
Em que galopaõ da vingança as furias.
Eilas chegaõ.—Seos gritos me provocaõ—
E das suas serpentes chamijantes,
Enleando o meo braço, á mortandade
Me incitaõ.—Sim eu corro, eu ja vos sigo,
Filhas da noite eterna—ah conduzi-me,
Guiai-me onde se occulta o fero monstro.
Heide das mesmas aras arrancalo,
Com este ferro traspassar-lhe o seio,
Cortar-lhe o coraçaõ, e aos pes calcar-lho—
Deixai-me livre o passo.

CORA. [*deitando-se a seos pés.*

Oh naõ, primeiro,
Deve esse ferro traspassar meo seio,
Senhor, Cora a teos pés suplica a morte,

Se sangue hoje te apraz, mas naõ vingança.
Por ti, por tuas maõs contente eu morro.
Mas naõ posso soffrer, que a minha vida
Custe hum crime a teo braço—antes que o veja,
Corta, corta meos dias ; naõ permittas,
Que em minha alma primeiro se aniquile,
A idea da virtude, que a da Alonzo.
Alonzo, e crime ah naõ ! naõ se combinaõ.
E se Cora hoje pode associalos,
Cora he monstro ferós, que extinguir deves,
Aqui me tens, Senhor, das plantas tuas,
Naõ sahirei com vida, ou criminosa.

ALONZO.

Sáhirás triumphante.—oh doce amada,
Torna, torna a meo seio : a vez primeira,
Que n'elle te apertei, tive em meos braços
O pezo da innocencia, e da ventura.
E deve o mesmo pezo hoje a gravar-me ?
Naõ, a innocencia naõ inspira crimes.
Perdoa, Cora, os vividos transportes
De hum furor expirante—elle nascia
Do zelo desculpavel de salvar-te,
De salvar a virtude perseguida,
De punir aggressoens contra a innocencia.
Mas tu o queres ; prompto me resigno—
Com tigo deixarei o mundo, e os crimes,
Morada só de horror sem ti me fora.
Tenho affrontado a morte, e sei vencela.
O tormento, o furor das lavaredas,
Seja qual for meo fim ; nada me assusta,
Huma vez que te perco, perco tudo.
Naõ maldirei, contudo, a minha sorte,
Se vivendo sem ti, morrer com tigo.

CORA.

Senhor, se to merece assim meo pranto,
Vive, eu to rogo; e mesmo se he possivel,
Cuida em justificar-me. Eis minha gloria.
Meios para fazelo inda te restaõ,
Ataliba te estima ; e deste povo,
Que defender, que libertar pudeste,
Tens o amor, tens a plena confiança.
Se me queres servir, busca illustralo,
Em meo abono os seos suffragios busca.
Corre á Ataliba; ao povo te aprezenta,
Se tu lhe falas, minha triste sorte
Será menos cruel.

ALONZO.

Sim, Cora, eu parto,
Eu corro apreceder-te em teo destino.
Mas crê neste momento de horror cheio,
Que a ser outro meo fado eu naõ partira.

CORA.

Vai, auxilie o Ceo tam puros votos.

FIM. DO ACTO IV.

ACTO V.

SCENA I.

Salla imperial de Ataliba.

ATALIBA SÓ.

Dever! oh lei sagrada, lei terrivel!
Que austera he tua voz! Quando tu falas,
O grito das paixoens suspender mandas,
Mandas a natureza aniquilar-se.
Soberano inflexivel, que á vontade,
Ao coraçaõ o jus, e as leis quebrando,
Poens so na obediencia a teos preceitos,
A gloria dos mortaes.—Funesta gloria!
Infausta preheminencia! Que delicias,
Que suaves prazeres naõ pervertes!
Por ti o sceptro he fardo insoportavel.
Mas tu mandas; e firme em teos decretos,
Semelhante á razaõ mudar naõ sabes,
Cumpre pois submeter-se. Oh quanto he duro,
Sensivel ser, e á tua voz curvar-se!

SCENA II.

Pontifice e o dito.

PONTIFICE.

Inca, perdidos somos, se hum momento,
Se espera mais: a victima ja marcha,

Ao lugar do supplicio. Ha todavia,
Quem pertenda estorvar-lhe o passo á morte.
Fui de espias secretas avizado,
Que Alonzo sediçoens no povo espalha;
Visto athé dentro foi do templo augusto.
He precizo enfrear subitamente
Do sacrilego a audacia, e castigala.
Perturbar naõ se deixe hum sacrificio,
Que o surrizo do Ceo vai procurar-nos.
Vamos, Senhor, o povo nos espera,
Naõ se tarde hum momento.

ATALIBA.

Inda hum momento
Deixa o meo coraçaõ tranquilizar-se.
Sei que he devida aos Ceos a obediencia,
Mas nunca custou tanto obedecer-lhe.
De Alonzo ao nome estremecer me sinto,
Vozes de gratidaõ meo seio abalaõ,
D ágonizante humanidade o grito
Faz meo sangue gelar.

PONTIFICE.

Que escuto, oh Deozes!
Ataliba outra vez perplexo hezita?
Ja do teo juramento te esqueceste?
Ja te naõ lembras, que do Sol hes filho,
Que hes do trono, e do altar pelos Ceos mesmos
Eleito defensor? Pois como á sombra
De huma futil chimera horrorizado,
Mostras fraqueza tanta? outras virtudes
Deve hum Monarca ter, mas naõ piedade.
Punir, naõ perdoar cumpre á justiça,

E quem sem ella reina o crime apoia,
Naõ se defende a si, e ultraja os Numes.
Sangue, que ao Ceo se nega, atrahe mais sangue.
Teme, Senhor, que mais crueis castigos
Fulmine irado o Ceo. Naõ mais vacilles,
Vem.

ATALIBA.

Sim vamos. Oh Ceos! Alonzo!—Eu parto.
[*entraõ*

SCENA III.

Las Cazas, e depois o Pontifice.

LAS CAZAS.

Ataliba naõ vejo? Onde se esconde?
Ceos! Que funesto agouro isto me indica?
Sem duvida outra vez retrocedendo
Pela estrada do Erro, em que vacilla,
Se esqueceo da verdade.—Mas que vejo?
O fero Sacerdote.—oh quanto temo,
Verificadas ver minhas suspeitas.

PONTIFICE.

Que pretendes? Procuras de Ataliba
Inda o seio turbar e a paz roubar-lhe?

LAS CAZAS.

Quero falar ao Rei, preciza ouvir-me,
Tras me somente aqui sua defeza.

PONTIFICE.

Enganas-te. Ataliba naõ preciza
Do teo soccorro para defender-se,
Tambem tem seos ministros, e os seos Deozes.

LAS CAZAS.

Saõ vaõs seos Deozes! Seos ministros cegos,
Que soccorro haõ dar-lhe? Haõ de perdelo,
Se o braço que athéqui pode salvalo,
Pertender regeitar,

PONTIFICE.

Que escuto? oh raiva!
Audaz! E assim se trata o grande chefe,
O supremo Ministro dos altares!
Insolente impostor, bem te conheço.
Teo insultante orgulho, essa arrogancia,
Com que vens exprobrar-me teos poderes,
Naõ tem por fundamento mais que horrores,
Crimes, desolaçoens, incendios, mortes,
Que teo Deos neste clima anunciaraõ,
Mas nem tu, nem teos socios, que poderaõ,
Seo pavor infundir neste hemispherio,
Conseguiraõ impor-me. O Deos, que eu sirvo,
Para oppor ao teo Deos tambem tem raios,
Trovoens a seo commando, e terramotos.
Quero mesmo soppor, que elle mais forte,
Em destruir vos desse a primazia,
Com que direito vindes de tam longe,
Derribar nosso emperio, e nossas aras?
Quem a dar leis aqui vos authoriza?
Nossos males, ou bens que vos importaõ.

LAS CAZAS.

Naõ para dar-vos leis, mas soccorrer-vos,
Nos trouxe de tam longe humano impulso.
Direito ao nosso esforço, ás nossas lidas
Tinha a vossa fraqueza, e naõ podia
Deixar de vos servir nossa coragem.
Mizeros soccorrer so cumpre a humanos.
Mas tu, que cego, e ignaro calumnias,
Os puros sentimentos da minha alma,
Que do baixo das cores sanguinosas,
D'esse Deos teo Tyrano o meo contemplas,
Julgas tu combater me?—Eu te lastimo,
Choro a tua cegueira. Ouve, insensato!
Nossas relegioens como differem.
A tua de poder somente avara,
Truculenta, ferós, devastadora,
Inimiga da mesma natureza,
Calca a Razaõ, e os justos Ceos avilta.
A minha, que apertar só busca os laços
Do mutuo amor, geral beneficencia,
A' injurias indulgente, ao perdaõ facil,
Naõ se estriba em caducas prepotencias,
E só de eternos bens fita a grandeza.
A tua precizando impor aos homens,
Nem dos crimes, que faz, remorsos sente.
E a minha, que á verdade unida existe,
De si só dependo a luz espalha.
Vé agora qual d'ellas se auxilia
D'esse Deos de terror, e de carnagem,
Mas para que he perder o tempo, e as vozes?
Teo coraçaõ extranho á humanidade,
No phrenezi da raiva, que o devora,
Aos gritos da innocencia innacessivel,

Surdo á vos do razaõ ja se naõ muda,
Mais cruel, mais ferós, que os tygres duros,
Só se nutre de sangue, só de estragos.
Sim, Monstro de delirios, e de horrores,
Conhece-te a ti mesmo.—Eu te detesto—
Detesto altares que sustenta o crime,
Detesto o sacerdote, que piedoso
Busca em nome do Ceo derramar sangue. [*vai-se.*

SCENA IV.

PONTIFICE SÓ.

Inferno! Inferno! Oh furias tragadoras,
Persegui o malvado.—Espera.—Eu corro,
Sacrilego maldito, ou vou mostrar-te,
Como do Deos de luz o fogo abraza,
Como o seo sacerdote os dezacatos,
As aggraçoens do altar pune severo.
Eia vamos, Furor, meos passos guia,
Das mais acerbas devorantes chamas,
Se atee huma fogueira, que aos Ceos leve,
Em cinzas inflamadas, cor do raio
O sangue atroz, as perfidas entranhas,
De todos os sacrilegos do mundo. [*vai-se.*

SCENA V.

Vista de praça, templo ao longe, tablado no fundo para a execuçaõ, trono ao lado.

Ataliba com sequito de gente, e tropas; depois o Pontifice, e mais sacerdotes. No meio d'elles Cora ornada do flores, e Palmor.

ATALIBA. [*Depois de alguns momentos de reflexaõ.*

Ceos! Ella vem, a tam sereno aspecto
Como pode o delicto attribuir-se?
Socega, coraçaõ, naõ te perturbes.

PONTIFICE.

Eis a victima, oh Rei, que o Sol nos pede;
De cujo sacrificio he responsavel,
Ao Deos de nossos paes, ao destes climas,
Ao nosso Deos em fim, tu, e este povo.
O seo culto o requer. Tu fiscal d'elle,
E vos oh povos, que serviz seo templo,
Seo pontifice ouvi, que hoje os decretos,
Vos traz do Numen, que por mim se explica.
Cora as leis violou do pejo austero,
O templo profanou, rompeo das aras
O juramento, o voto indessoluvel.
Seo crime arrasta a morte, a lei que a pune,
Pede todo o rigor; nos lho devemos.
Este o primeiro exemplo, he necessario,
Que fique assás lembrado entre as mais virgens.
He pouco em cazos taes sempre o castigo,
E a mais leve ommissaõ delicto he grave.
Eia pois apressemos o momento,
Que vai com o mesmo Ceo justificar-nos.
Com o sangue da victima se applaque,
O Deos, que contra nos troveja irado;
Por falta de castigo, e sacrificios,
Vemos o nosso emperio ameaçado
De hum extranho poder, que nos combate.
Por falta de castigo, e de ver sangue
Fumar em suas aras; foi o emperio,
Do Mexico infelix tornado em cinzas.

Previna hum só castigo outros castigos,
Ateie-se a fogueira. Inca, a ti cumpre
Principio dar ao publico holocausto.

ATALIBA.

Pontifice do Sol, do Deos, que eu sirvo,
Doce me he sempre ouvir-te, e obedecer-te.
Mas ouve o que te observa o teo Monarca.
Tu hes quem suas leis sabio enterpreta,
Mas eu sou quem as dicto. Eis minha herança.
Tu dizes que applacar-se hum Deos se deve,
Punindo-se o delicto, he justo, he justo.
Mas para que he rigor tam dezabrido,
Castigo tam severo? A cazo folga
A justiça dos áis, da dor, do pranto
Dos mizeros culpados? Naõ lhe basta
Extincto ver o crime, e o criminoso?
Se o crime nasce da fraqueza nossa,
Nunca pode o terror gerar virtudes.
Ministro dos altares, eu to rogo,
Sede menos severo, huma ves poupa
A mizera, gemente humanidade.

PONTIFICE.

Nada posso fazer do que tu pedes.
Haõ de comprir-se a risca os meos deveres,
Os ministros do altar naõ se retractaõ.
Saõ como os immortaes mudança ignoraõ.
Dos tormentos o aspecto, a voz do pranto
Naõ dezarma a justiça; eu vou fazela,
Morra, morra a preversa, e vá nas chamas
Seo sangue odioso, e vil todo extinguir-se.

CORA.

Sim, ministro cruel, meo sangue extingue,
Dilacera esto seio ; torna, torna
Meo corpo todo em cinzas. Seva n'elle
O implacavel rancor, que te devora,
Todo o pezo, se o queres, dos tormentos
Sobre mim descarrega. Ver-me has muda
Nos horrores da morte, a pagar prompta
Crimes, que saõ só meos. Mas se a justiça
Do Ceo segundo o crime inflige a pena,
Tu ministro do altar para que a excedes ?
Subtrahir-me eu naõ busco ao rigor duro
Da lei, que me condemna. Morrer devo.
Prehencha-se a justiça, eu corro á morte,
Naõ espero perdaõ. Só graça imploro,
Para quem naõ tem culpa. Ah sim piedade
De hum pay te deva a mizera innocencia.
Tem d'elle compaixaõ.—Que ? recuzar-lha
Podes assim severo ? Ah ! reconheco
Agora com quem falo : eu me esquecia,
Que eras do altar ministro, surdo aos gritos
Da humanidade, á voz do pranto immovel,
E que hum dom concedido ás mesmas feras,
Hum seio paternal te era vedado.
"Oh tu, que tens de humano gesto, e peito,"
Que mostras comoverte á alheio pranto,
Sim tu, que hes pay, que sabes quanto amarga
He na perda de hum filho a dor paterna.
Poupa ao triste Palmor, que inda he teo sangue,
O flagelo cruel, peor que a morte,
Dever sua filha mizera expirando,
Nas garras da tortura. Ah naõ consintas,
Que o coraçaõ paterno se apunhale
Com golpes tam crueis.

ATALIBA.

Gelar me sinto,
Feras seo pranto internecer faria.

PONTIFICE.

O lá cessem as vozes. Ao suplicio
A victima se leve.

ATALIBA.

Naõ, primeiro,
He justo permettir-lhe hum dezafogo.
Fala, triste infelix, eu te concedo
O que pede o teo pranto.—E depois—morre.

CORA.

Senhor, pois que me he dado inda explicar-me,
Antes da minha morte, aproveitando
Instantes, que me dá vossa bandade,
O que sinto direi, naõ dessimulò,
Ouve o que eu confessara agora mesmo,
Diante do universo. Eu sou culpada,
Naõ o nego; quebrei de hum jugo austero
Os rigidos grilhoens. Rebelde sempre
A ferros, que das maõs de amor naõ vinhaõ,
Meo coraçaõ predisse este infortunio.
Contudo sem de hum crime arrepender-me,
Que minha gloria foi, delicias minhas,
Naõ posso lastimar-me de huma morte,
Que de origem tam bella houve principio,
Que de almas como a tua excita o pranto.
Mas sou culpada; cumpre que eu pereça,

Satisfaça-se a lei, que assim decreta.
Naõ me importa saber se hé, ou naõ justa,
Sei que nunca a senti dentro em meo seio,
E o contrario aprendi da natureza.
Por tanto huma desculpa a exigir tenho
De toda a humanidade.—Eu sim fui fraca,
Porem naó vil; alenta-me esta idea,
E de consolaçoens me cobre a morte.
Tu mesmo comprazendo a meos dezastres,
Das o exemplo de humano, e de sensivel.
Em quanto pois he tempo, em quanto posso,
A minha gratidaõ deixa expremir-te.
Senhor, consente que essa maõ augusta,
Pela ultima vez meos labios beijem.

ATALIBA.

Ah mais naõ posso, o coraçaõ me estala.
[*dando-lhe a maõ.*

CORA. [á Palmor.

E tu mizero pay, que origem déste
A' mais ingrata, e mais sensivel filha,
Que por tua alma virtuosa, e forte,
A minha regulaste, eis-te perdido—
Foi tua confiança em mim frustrada;
Tens da minha fragueza o testemunho.
Trahio tuas tençoens, trahio meo voto,
Meo proprio coraçaõ.—Senhor, perdoa,
Na natureza estava o meo destino,
Eu devia morrer, tu lastimar-me.
Mas com nosco Ataliba inda he piedoso,
Neste instante de horror deixa apartar-nos,
A deos, parte meo pay, que eu corro á morte

PALMOR.

Porque lhe dei o ser, pay desgraçado!

CORA.

[*Vai apressada para a fogueira, para de repente, e recua espavorida.*

Que vejo! Que grilhaõ me prende os passos!
Que maõ de gelo o coraçaõ me aperta!
Ceos! Que oceano de imflamadas ondas
Corre feroz bramindo, e me rodea!
Rios de negro sangue a meos pés brotaõ!
Quem me arrasta? Onde estou? Deozes! Que as-
Desfigurado, e triste!—E aqui me segues? [pecto
Como? E pôde Ataliba abandonar te?
Mizero pay, ah! foge—mas que debil,
Mizero infante aquelles ondes força!
Lá expira, ay de mim! Que horror me abisma!
A meos olhos se esconde a natureza.
Palmor, Alonzo eu marcho a reunir-vos,
Da vida as turbaçoens nos separaraõ,
A vós me entrega a morte. [*cahe, e fica suspendida nos bracos de Palmor.*

PONTIFICE.

Eia, soldados,
A victima arrastai para o suplicio,
Que comecar-se deve.

Os soldados a arrançaõ dos braços de Palmor, que cahe por terra; lançaõ-lhe cadeas, e a levaõ. Alonzo sahe neste momento, e Las Cazas.

ALONZO.

O la detende,
Soldados! Suspendei-vos. Ataliba,
Habitantes do Quito ouvi-me. Alonzo,
He quem vos fala; Alonzo, o vosso amigo,
O vosso defensor, e o da innocencia,
Enganar-vos naõ venho. Eis-me aqui prompto,
Por vós, pela verdade a dar a vida.
Que fazeis? Que furor vos hallucina?
Qual erro vos seduz? Quem vos arrasta,
Ao funesto despenho, em que vos vejo?
Como! Adoraes a luz, e a luz naõ vedes!
Em que horrivel abismo ides lançar-vos?
Vós que prezaes as leis da natureza,
Que della o vosso ser, e os bens houvestes,
Como podeis trahila, e ser-lhe ingratos?
Que farieis entaõ, se ella avarenta,
Seo seio vos feixasse, e os seos thesouros?
Se com rubida maõ vibrando o raio,
Crestando as plantas, extinguindo os fructos,
Da vida aniquilasse os germes todos,
E em ermo esteril vos tornasse a terra?
Que farieis entaõ, se esta may docil,
A' hum doce instincto vos negasse adversa,
No seio maternal fecundo alento,
Unico esteio na fraqueza vossa.
Ah sede á natureza agredecidos,
Que inda vos dá seos bens, que vos convida,
Pela voz do prazer para a existencia.
E sereis vós crueis, quando ella he meiga?
Quando vida ella dá, dais vós a morte?
Oh fera inconsequencia! E quem, quem póde,
Inspirar-vos a idea fraudolenta,

De servir-des o Ceo vertendo sangue?
De soppor-des virtude, onde erro existe?
Onde da natureza as leis se invertem,
A lei da creaçaõ primeira em tudo,
E a lei melhor, pois do prazer só nasce.
Tudo quanto a destroe, destroe o mundo,
Extingue, e avilta os homens. Taes dictames
Saõ filhos só de perfida impostura,
De fanatismo atroz, de ambiçaõ torpe.
Que vos suspende pois? porque as cadeas
De hum erro naõ quebraes, que vos degrada?
E tu sensivel Rei, como permittes,
Huma lei tam contraria á natureza?
Se inda hes homem, escuta a humanidade,
Naõ dés assenso a voz do iniquo Embuste.
Que seos santos direitos calumnia.
Lança, lança por terra o simulacro,
Que a hypocrezia erguera sobre as aras.
Sim, povos, que me ouvis, hum testemunho,
Vou dar-vos da verdade. Eis o momento,
De triumphar com vosco, ou de extinguir-me.
Cora aqui tendes, Cora, que foi sempre,
Modello de constancia, e de virtude,
Que attenta sempre á voz da natureza,
Sobranceira ao poder de hum vaõ caprixo,
Seguio de vossas mais o doce exemplo,
Que crime commetteo?—Que vil blasphemo,
Que sacrilego atroz condemnar pode,
Estes fecundos, creadores peitos,
Que o Ceo abençoou, que o Ceo protege?
Ah! vede os planos seos nelles gravados,
Abertas vede da existencia as fontes,
O azilo salutar da infancia debil.
Qual de vós que sois filhos, que pendesteis,

Ja dos soccorros seos para ter vida,
Poderá darlhe a morte? Ah que appareça
Esse monstro, esse horror da natureza,
Que a mate, mas primeiro extinga Alonzo.

PONTIFICE.

Sim, eu a mato, aos golpes meos expira. [*tirando hum punhal.*

ATALIBA.

O lá suspende, Barbaro—Refrea— *dezarmando-o,*
Esse furor de sangue—ah de ter sido
Tam fraco me envergonho.—Auctor nefando
De vis calumnias, impio sacerdote,
Agora reconheço que o teo zelo,
Nascia só do orgulho, e do desprezo,
Do odio, com que vês teos semelhantes.
Dos altares o santo ministerio
Naõ fomenta rancor, busca extinguilo.
Melhor conhece os sacros teos deveres.
E já que altivo e perfido abusaste,
Da minha confiança. Eu ta reclamo,
Poderes que te dei, torno a arrancar-te.
Rasgou-se o veo da tua hypocrezia.
Monstro, tu me horrorizas; eu te odeio.
Como teo Rei, fazer-te vou justiça.
Parte dos olhos meos—Guardas, levai-o,
Do suplicio, que urdio, soffra o suplicio.

PONTIFICE.

Oh dezesperaçaõ, oh raiva, oh morte! [*sae.*

ATALIBA.

Naõ está inda tudo consumado,
Pertendo agora completar o resto.
Cora, eu derogo a lei, que te condemna,
Cujo fero rigor detestei sempre,
Sim, absolvida estás. Cessa o prestigio
De hum absurdo que tanto impôs á mente.
A' teos dezastres devo o dezabuzo.
Foi sempre a adversidade a grande escola,
Onde melhor se aprende a emendar erros.
Sim, Povos, longo tompo seduzidos,
De huma falsa apparencia acreditamos
Virtude ser a perfida renuncia,
Do conjugal estado indespensavel
A' ventura do mundo ; hoje chamados
Pela voz da Razaõ, reconhecemos
Melhor da natureza os saõs direitos.
Naõ pode o coraçaõ ser constrangido,
Sua essencia he ser livre: seja livre,
Naõ mais ferros, naõ mais se lhe preparem,
Fica livre a qualquer des deste instante,
Dispor d'elle á vontade. Annullo votos,
Que discretos naõ saõ ; e o livre arbitrio
De juramentos vaõs dezencarrego.
Cora, Alonzo, Las Cazas desculpai-me,
Se hum pouco combati para vencer-me,
Dezejava imitar vossas virtudes,
Mas sem vosso saber, vossa coragem,
Que podia eu fazer? Tudo vos devo,
E athé a aprovaçaõ, que he mais que tudo
Do que acabo de obrar. Por tanto espero,
Que se hum dia deixar-des Ataliba,

Haveis de recordar-vos docemente,
Que á pezar de ser rei, soube ser homem,
Que attento ouvido dei sempre á verdade,
Que á Razaõ submettendo o perjuizo,
Fiz por terra cahir o altar do Erro,
E cedi o triumpho á NATUREZA.

FIM.

Impresso por W. LEWIS, Paternoster Row, Londres.

ERRATAS.		EMENDAS.

ACTO I.º

Paginas	3	as Naçoens	as Naçoens, que
Ibidem		podendo	poderaõ
Pag.	13	o detestavel	a detestavel
Pag.	22	Eis aqui	Eis ahi
Pag.	23	Nos erros	em erros

ACTO II.º

Pag.	32	intimar-se	intimar-te
Pag.	41	A respeitavei	A respeitavel

ACTO III.º

Pag.	45	de pay nome	de pay o nome
Pag.	46	do remorro	do remorso
Pag.	52	me dao remorros	me daõ remorsos
Pag.	53	mas de huma	mais de huma
Ibidem		do morte	da morte

ACTO IV.º

Pag.	61	Nada ancerra	Nada encerra
Pag.	63	esguer-lhe	erguer-lhe
Pag.	65	camprila	cumprila
Pag.	68	o razaõ	a razaõ

ACTO V.º

Pag.	91	bandade	bondade
Pag.	93	aquelles ondes	aquellas ondas